



teatro portátil

Historial 2005/2020

Sumário

Introdução.....	3
Âmbito e objetivos do projeto	6
Implementação do projeto	9
Distribuição Geográfica.....	28
Distribuição por tipos de estabelecimento (privado ou público) e níveis de ensino.....	28
Divulgação e comunicação do Projeto Faunas.....	28
Avaliação das sessões e retorno pedagógico.....	29
Financiamento e sustentabilidade do Projeto Faunas.....	29
Historial do projeto	30
2005 – O arranque do projeto: Contar histórias em Literatura de Cordel	30
• “Fábulas de Cordel” (2005) “Histórias de animais para outros que tais” (2011)	30
• “O melro e a pomba amarela” (2005, continua em circulação)	31
2005 – 2009 – Desenvolvimento da vocação pedagógica do projeto	32
• “Uma casa de telhado para o chão” (2005).	32
• “Os quatro medos do ouriço-cacheiro” (2006).....	33
• “Contos com contas” (2006, continua em circulação)	33
• “A viagem de Amsel” (2007)	34
• “O piquenique de D. Porca” (2007, continua em circulação)	35
• “O Pirata Versejador” (2008)	35
• “Heróis pequeninos” (2009, continua em circulação)	36
• “Dividir para reinar” (2009, continua em circulação)	37
2010 – 2014 – “Fios de tempo”	38
• “A história do pescador que deixou o coração atrás da porta e dos peixes que choveram” (2010, continua em circulação)	40
• “Fiandeira olhos nos dedos lâ lâ lâ” (2012, continua em circulação)	41
• “Minérios” (2013, continua em circulação)	42
2015 – 2020.....	44
• “Azucrinadores” (2015, continua em circulação).....	45
• “Padaria” (livro, 2016, continua em circulação como “hora do conto”)	46
• “Nascer” e “Nascer – primeira infância” (2017, continua em circulação)	48
• Oficinas artísticas “Ensaia a vida” (2018, continua em circulação)	49
• “Clarinha e a fonte de tempo” (2019 – 20)	50

• “Contos em tons de azul” (2020)	52
Espectáculos encomendados por outras entidades ao Projeto Faunas	53
• “Visita encenada ao Museu do Carro Elétrico em Literatura de Cordel” (encomenda do Museu do Carro Elétrico do Porto, 2006)	53
• Parceria com a Leya ASA. Encenação de: “Os Miaus” (2007) e “Auto da barca do castigo” (2008), Leitura encenada de “Frei Livrinho de Sousa” (2009)	54
• Animação de rua para feiras medievais: “A Bruxa Candidinha” (2014 – 2017)	55
• Intervenção Teatral de Rua para a LIPOR: “Flor Renascida do Composto Caseiro” (2016)	56
• Intervenção Teatral de Rua enquadrada no projeto OMARE: “Noiva do mar” (2016 – 2019).	57
• Intervenção Teatral de Rua para a Resíduos do Nordeste: “Não se enterre, dê valor àquilo que tem” (2017 – 19).	57
• Intervenção Teatral de Rua para a LIPOR: “Resíduos Verdes” (2019).	59
• “O Pisco-de-peito-ruivo” (encomenda da Fundação de Serralves a partir do livro “O Parque”, 2019).	60
2020 – Ponto de situação	61
Reflexões Finais	63
Sobre fazer teatro nas escolas	63
Sobre a procura de uma linguagem, nas minhas criações teatrais.....	64
Sobre o meu trabalho enquanto atriz.....	65
Bibliografia	68

*Texto redigido segundo o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

**

Introdução

O presente trabalho tem como objeto de reflexão o Faunas – teatro portátil, um projeto de teatro vocacionado para públicos escolares, lançado e desenvolvido por mim desde 2005. Este documento pretende também ser a base de candidatura para atribuição do Título de Especialista na área do Teatro – Artes do Espetáculo, em conformidade com o disposto no Decreto-Lei nº 206/2009 de 31 de Agosto.

Em 2005, escrevi um texto, construí um cenário, treinei o meu corpo e a minha voz, decorei o texto, ensaiei uma partitura de ações, desmontei o encosto de banco traseiro de um Citroën AX, carreguei-o com o cenário e, com um colega músico (o Allen, um percussionista e construtor de instrumentos musicais), fui a um colégio apresentar a primeira peça de teatro do Projeto Faunas. Foi o primeiro passo num percurso de criação, aprendizagem e descoberta, que me trouxe até aqui. Eu era a única atriz, sozinha num palco que não existia, mas o que eu fazia não era bem um monólogo nem era bem uma sessão de contador de histórias. Atrevo-me a dizer que seria teatro, por compor a percepção de uma realidade imaginada, num determinado espaço e em presença de público.

O nosso “slogan”, desde o início, foi este: “Levamos a imaginação aonde ela é precisa”. Mas só recentemente compreendi o alcance desta afirmação, nas palavras de Yuval Noah Harari:

«Uma realidade imaginada não é uma mentira. Eu minto quando digo que está um leão junto ao rio e sei perfeitamente que não está lá qualquer leão. Não há nada de especial em relação às mentiras. Os cercopitecos e os chimpanzés conseguem mentir. Por exemplo, já foi visto um cercopiteco gritar “Cuidado! Um leão!!” sem que houvesse nenhum leão por perto. O sinal de alarme assustou, convenientemente, outro macaco que tinha acabado de encontrar uma banana, deixando o mentiroso sozinho para poder ficar com o prémio para si. Ao contrário da mentira, uma realidade imaginada é algo em que todos acreditam e, enquanto essa crença coletiva persistir, a realidade imaginada exerce força sobre o mundo.»

HARARI, Yuval Noah – *Sapiens – História Breve da Humanidade*. Amadora, Editora 20|20, 2017 (obra original publicada em 2011), p. 47.

No decorrer do livro, Harari demonstra como a capacidade de criarmos ficções e as partilharmos permite a cooperação humana e organiza toda a nossa existência em sociedade. Na sua perspetiva, “realidades imaginadas” são todas as criações humanas, desde as fronteiras dos países ao cunhar de moeda, passando pelos direitos humanos e as leis. No entanto, imersos nessas realidades que imaginamos coletivamente, deixamos de as poder ver, examinar e, muitas vezes, torna-se difícil reinventá-las para resolvermos os problemas que se geram dentro delas. É aí que o teatro entra como um maravilhoso e inteligente exercício de conceção, concretização e vivência de uma realidade imaginada. Como fica circunscrita a um espaço e a um tempo, essa realidade teatral pode tornar-se um objeto de discussão, de reflexão, de reinvenção que fazemos sobre nós próprios e as nossas vidas em comum. Em vez de estarmos imersos na ficção que criamos – como Harari diz que estamos, na nossa vida quotidiana e social – colocando-nos conscientemente fora dela, podemos olhá-la. Teatro implica a conceção sob um ponto de vista,

é o “lugar de onde se vê”, na origem grega da palavra. Haverá instrumento mais eficaz para nos conhecermos a nós próprios?

Por outro lado, Harari foca a capacidade de criar realidades imaginadas como algo que nos distingue dos animais irracionais. Enquanto a mentira, que ele refere como um mecanismo que um macaco consegue pôr em prática, está ao serviço da prossecução de uma pulsão tão básica como a procura de alimento, a realidade imaginada pelos seres humanos distancia-os dessa satisfação meramente biológica. Nós somos capazes de inventar palavras e de lutar por elas, mesmo que para isso tenhamos que colocar as nossas pulsões mais básicas em causa; os macacos não têm essa capacidade. O que é que mais nos importa? O que é que nos define enquanto humanos? Estamos sempre a colocar essas perguntas quando criamos uma ficção. Estamos sempre a ensaiar possíveis respostas quando criamos uma ficção. E nunca criamos do vazio, mas sim do olhar que somos capazes de lançar ao mundo. Na Grécia, onde nasceu a palavra “théatron”, os teatros eram construídos aproveitando o acidentado relevo, nas encostas dos montes. Por trás da “skene” (cena, o palco), a vista era imensa. Em Atenas, da Acrópole onde se situava o teatro, via-se a pólis (cidade-estado) lá em baixo e, ao fundo, o Porto de Pireu, porta para o Mediterrâneo, que era o mundo conhecido dos Gregos. Todos os textos dramáticos da Antiguidade Grega que chegaram até nós refletem os diferentes olhares sobre essa pólis e esse mundo, lançam perguntas, ensaiam respostas, interpelam o real.

A nós, humanos, não nos basta sobreviver, precisamos de construir sentido. Essa é uma necessidade que nos é vital, não deriva de um carácter inconformista nem é capricho de alguns. A construção de sentido é algo que cada um de nós faz, inevitavelmente, com os instrumentos de que dispõe, na circunstância em que está. Mas essa construção de sentido também acontece na nossa consciência, num processo que António Damásio equipara ao fenómeno teatral:

«No teatro da nossa mente – o nosso Teatro Cartesiano, porque não – o pano subiu, os atores estão no palco, a falar e a andar, e não falta a parte crítica desta situação: existe um público: EU.»

DAMÁSIO, António – *A estranha ordem das coisas*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2017, pp. 204-205.

Fazer teatro, representar, é, assim, essencial nas nossas vidas. Não apenas no plano mental, Damásio refere também o jogo como pulsão essencial:

«A pulsão conhecida como “play”, que inclui as ideias de recreio, brincadeira, jogo e invenção, é proeminente nos mamíferos e nas aves e é central na vida humana.»

DAMÁSIO, António – *A estranha ordem das coisas*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2017, p. 164.

Se associarmos a pulsão, definida por Damásio, como “play” à capacidade de “criar realidades imaginadas”, definida por Harari, entendemos como este exercício tem duas vertentes: é essencial à nossa existência inteligente no plano individual, pois cada indivíduo mapeia o mundo na sua mente, construindo leituras, entendimentos, narrativas da realidade; é o impulso coletivo que nos conduz na conceção, construção e organização do mundo tal como o conhecemos. Damásio defende ainda que esse exercício é suportado por aquilo a que se chama “homeostasia”, o processo de regulação de um organismo vivo segundo o qual este procura persistir na sua existência e prevalecer sobre o ambiente onde que se encontra.

«No caso dos seres humanos, as experiências mentais foram alavancas diretas para a construção deliberada de culturas: as experiências mentais de

dor, sofrimento e prazer tornaram-se alicerces dos desejos humanos, pontos de partida para as invenções humanas, num contraste acentuado com os comportamentos acumulados até então pela atividade de seleção natural e da transmissão genética. O fosso entre os dois conjuntos de processos – evolução biológica e evolução cultural – é de tal modo profundo que nos faz esquecer o facto de que a homeostasia é a força dos detrás de ambos.»

DAMÁSIO, António – *A estranha ordem das coisas*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2017, p. 221.

O que Damásio refere como “contraste acentuado com os comportamentos acumulados até então pela atividade de seleção natural e da transmissão genética” é, afinal, o que nos distingue dos outros animais e nos confirma aquela suspeita que tínhamos: Sim, a produção de cultura é uma atividade essencial para os seres humanos.

Vejo o teatro como o lugar de confluência de muitas expressões artísticas, uma espécie de praça da humanidade, para onde fluem tantos e tantos caminhos que percorremos, dentro de nós e entre nós. Fazendo teatro a dois ou três metros do público, sem iluminação cénica nem o distanciamento físico do palco, são vários os olhares do público que guardo na memória. Lembro-me de uma criança com cerca de quatro anos que esteve durante todo o tempo de apresentação de “O melro e a pomba amarela” a segurar a lágrimas, lutando contra o medo que sentia enquanto não desprendia o olhar da cena; lembro-me de uma criança com cerca de seis anos me perguntar “Olha, tu és mágica?” depois de ter estado continuamente em suspenso durante a apresentação da peça; lembro-me de uma criança com cerca de 4 anos me dizer “esta história era um bocadinho aguçada”; lembro-me de um rapaz de uns oito anos muito revoltado vir ter comigo no final e dizer “eu não gostei nada, não tinha piada nenhuma”; lembro-me de muitos adultos com lágrimas nos olhos, durante as apresentações de “Fiandeira” e “Nascer”; lembro-me de um rapaz me vir dizer, com muito orgulho, um ano depois da apresentação da peça “Sabes, e eu fui o melro!”; lembro-me de uma senhora idosa me vir dizer “sabe, menina, aquele elefante era eu, a menina contou a minha história”; recordo a longa conversa que tive com uma professora, depois de “A história do pescador...” sobre o papel da mulher naquela narrativa; relembro, sempre arrepiada, de nos dizerem ao telefone “por favor, venham cá, muitos destes meninos nunca viram teatro”. Não tenho dúvidas de que o teatro é um instrumento profundamente humano e político, que nos pode revolucionar por dentro. Acredito que a nossa missão enquanto profissionais do teatro é esta: tocar e ser tocado, dar passagem a quanto existe de humano, fazer acontecer o jogo da imaginação.

Não é por acaso que cito um historiador e um cientista neste breve texto introdutório. No momento presente, este ano de 2020 assolado por uma pandemia, inquieta-me muito a menorização que uma certa opinião pública e alguns decisores políticos tentam fazer do trabalho dos artistas e do papel das artes, na nossa sociedade. Não curamos ninguém, os nossos resultados não são necessariamente quantificáveis, não produzimos objetos utilitários. Porém, a história e a ciência dizem-nos que conceber e concretizar realidades imaginadas, representar ou fazer teatro, define-nos enquanto seres humanos. Eis, então, um desígnio para este trabalho. Que o percurso que vou trilhando, este ofício que procuro fazer evoluir, as minhas reflexões, aprendizagens e partilhas, possam contribuir para um gesto imenso e forte que é necessário fazer em coletivo: colocar a Cultura no lugar que lhe pertence, entre várias atividades humanas: Inquestionavelmente Essencial.

**

Âmbito e objetivos do projeto

O Projeto Faunas foi lançado no ano 2005, levando, desde então, espetáculos de teatro originais aos estabelecimentos de ensino, apresentando peças distintas para as faixas etárias do jardim-de-infância, 1º, 2º e 3º ciclos.

O projeto dirige-se a estabelecimentos do ensino público e do privado, alcançando várias zonas do território nacional e dirigindo-se a localidades com menos acesso a produtos e eventos culturais. Assumimos uma vocação humanista de “serviço público” (embora, financeiramente, o projeto nunca tenha sido subsidiado pela DGArtes), tomando o teatro como uma arte para todos, independentemente da sua origem geográfica ou social.

Os espetáculos são concebidos de modo a serem portáteis, o que significa que podem ser apresentados em teatros, auditórios, polivalentes, salas de aula, refeitórios, bibliotecas, etc. O dispositivo cénico é trabalhado de forma a tornar cada espetáculo adaptável a qualquer espaço, desde que este obedeça a dimensões mínimas de cena, tenha boas condições acústicas e que o público possa fruir com algum conforto.

Recordo que, em 2005, a oferta de teatro para os estabelecimentos escolares era extremamente rara. Apesar de, desde aí, esta ter crescido, nomeadamente no âmbito das obras integradas no PNL e de leitura obrigatória, penso que continua, em 2020, a faltar um estudo profundo e sistemático à escala nacional sobre quais as companhias, os espetáculos, a abrangência geográfica e socioeconómica do público-alvo; as diferentes possibilidades de utilização das práticas teatrais como instrumento pedagógico; como trabalham os profissionais das artes implicados; quais são as inovações e características técnicas e artísticas que um conceito de “teatro portátil” promove; entre outras questões que possam valorizar esta prática artística e alavancar o seu desenvolvimento.

Em 2010, era assim que nos apresentávamos:

«Somos um grupo de profissionais das áreas do espectáculo e das artes plásticas que acredita nas histórias ficcionais como espaços vitais de gestação de identidades e produção de cultura.

Porquê “Projecto Faunas”?

Antes de mais, “Projecto” porque, apesar de concretizar várias acções desde 2005, ele não se esgota nelas, visando não só a apresentação dos espectáculos em si, mas principalmente a possibilidade de, através desses espectáculos, lançar sementes, perspectivas, questões.

Nesse sentido, interessa-nos ir às escolas, visitar quem passa os dias a aprender e tem todo um espaço de conhecimento por preencher dentro de si. Tentamos que essas pessoas levem pedaços das nossas histórias na sua bagagem para lhes servirem no futuro como instrumentos na construção da sua consciência, da sua liberdade e da sua felicidade.

Talvez se possa dizer também que estamos a contribuir para a preparação de um público de teatro para o futuro. Desejamos que esse público esteja disponível e seja capaz de se questionar a si próprio e de questionar a sociedade em que vive através da obra artística.

E “Faunas” porque acreditamos que o mundo é múltiplo, que não existe uma Terra, mas várias Terras, vários habitats que queremos visitar.

Como um espectáculo é algo de efémero, que acontece num dado lugar, num dado momento e com determinadas pessoas, queremos experimentar lugares, momentos e pessoas diferentes para que uma mesma peça viva de formas distintas. Gostamos de criar uma peça de teatro e de a repetir várias vezes, para que, ao longo do tempo, ela vá acumulando um património de memórias, crescendo e tornando-se madura. Por outro lado, o distanciamento criado pela fábula e pelas personagens animais permitem-nos ser mais livres e menos didáticos na abordagem às questões que focamos, deixando que seja a criança que, pela sua apreensão da metáfora, descubra e construa por si própria mensagens e símbolos.

Confiamos na disponibilidade e na sinceridade do público infantil e, por isso, cada apresentação é um exercício de dádiva e de escuta. Acreditamos no teatro como uma ponte entre pessoas e desejamos que elas queiram atravessá-la nem que seja apenas para olhar o rio que passa lá em baixo.»

Texto do Dossier Projeto Faunas 2010/11, apresentado aos Estabelecimentos de Ensino. Isabel Fernandes Pinto, 2010.

*

O Projeto Faunas é também um espaço onde tenho desenvolvido grande parte do meu trabalho de criação ao nível do texto, da encenação e da interpretação. Foi uma opção deliberada desde o início a de não levar à cena as obras literárias que constam nos currículos escolares. Desde há 15 anos que o Faunas é o meu espaço privilegiado de criação, em colaboração estreita com outros criadores e intérpretes.

Assim, posso distinguir dois conjuntos de objetivos que nortearam o caminho do Projeto Faunas. Por um lado, contribuir para um teatro profissional dirigido à infância e juventude; por outro lado, desenvolver as minhas competências profissionais e um trabalho de criação teatral enquanto atriz, escritora e encenadora.

No contributo para o teatro dirigido à infância e juventude, destaco os seguintes objetivos:

- Fazer chegar espetáculos profissionais de teatro a todas as regiões e localidades do país e a todos os estratos sociais;
- Prover experiências de qualidade no primeiro contacto que crianças e jovens têm com o teatro, no sentido de uma formação de públicos responsável e efetiva;
- Contribuir para uma “metodologia” de “teatro portátil”, com determinados pressupostos ao nível da encenação, dispositivo cénico e trabalho de ator;
- Criar obras literárias contemporâneas, em língua portuguesa, para os públicos infantil e juvenil;
- Trabalhar e testar, em grande proximidade com o público, textos teatrais originais, contribuindo para a reflexão e o debate sobre a prática de escrita para estas faixas etárias, as suas leituras e assimilação e as características essenciais deste género literário;
- Experimentar e aprofundar técnicas de proximidade e interatividade teatral com os públicos jovens;
- Propor elementos para a reflexão e discussão em torno das possibilidades pedagógicas que o teatro oferece nos contextos escolares.

No desenvolvimento do meu trabalho enquanto profissional do teatro, existem alguns objetivos fundamentais que eu penso ter vindo a concretizar ao longo destes quinze anos:

- Tornar o treino de ator um hábito quotidiano, de evolução consciente do nosso ofício;
- Trabalhar o teatro na sua forma mais elementar e essencial, como um “fazer acontecer a imaginação” em qualquer lugar, recorrendo fundamentalmente ao trabalho de ator, despido da caixa preta de palco, da iluminação cénica, da “quarta parede”, do distanciamento, da amplificação sonora, etc;
- Testar, corrigir (vários textos foram reescritos ao longo dos anos de circulação) e fazer evoluir cada espetáculo ao longo das várias apresentações em contextos distintos e em estreita proximidade com o público, aprendendo e bebendo das respostas da assistência, num exercício de reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido.

O facto do público escolar ser de uma grande abrangência e de haver bastante procura por parte das escolas para a realização destes espetáculos de teatro de natureza profissional vocacionados para a infância e juventude, torna possível a concretização dos últimos três objetivos que apresentei. Nesse sentido, penso que este tipo de prática teatral pode ser uma mais-valia na prática profissional do ator, tanto na manutenção da sua técnica corporal e vocal, como no desenvolvimento da capacidade de fazer acontecer a imaginação, tornando qualquer lugar num espaço preenchido desse acontecimento a que chamamos teatro: um palco.



Registos das crianças (pré-escolar) do espetáculo “Heróis Pequenos” – Centro Social e Paroquial da Carvalhosa.



Registos das crianças (pré-escolar) do espetáculo “O melro e a pomba amarela” – Centro Social e Paroquial de Corim.

**

Implementação do projeto

O Projeto Faunas tem vindo a ser implementado desde 2005. O primeiro registo data de 4/fevereiro/2005, num colégio em Oliveira de Azeméis. Até à data (novembro/2020), estão contabilizados 1357 espetáculos em estabelecimentos escolares, com um total de 62480 crianças e jovens espectadores.

Ressalvo que estes números abrangem apenas as apresentações dirigidas a público escolar, sendo que os espetáculos do Projeto Faunas foram também apresentados noutros contextos – Teatros, Festivais, Bibliotecas e Serviços Educativos – cujos públicos-alvo eram famílias e público geral. Os números resultantes dessas apresentações não estão incluídos na tabela que se segue.

A tabela seguinte mostra quais os estabelecimentos de ensino que nos acolheram, a distribuição geográfica das apresentações, número de sessões efetuadas e de público.

	Estabelecimento de Ensino	Sessões	Nº		
			Público	Distrito	
2004/05	JI e EB1	Ramalde, Gondomar	1	62	Porto
		Seixo, Gondomar	2	71	Porto
		Vale de Ferreiros, Gondomar	2	100	Porto
		Baguim do Monte nº2, Gondomar	3	177	Porto
		Freixieiro, Vila Nova de Gaia	3	170	Porto
		Jovim, Gondomar	1	60	Porto
		Arroteia, Gondomar	3	170	Porto
		Jardim-de-infância Pinheiro Manso, Vale de Cambra	1	50	Aveiro
	EB23	Castêlo da Maia	8	416	Porto
		Privados			
	Artividade, Porto	1	12	Porto	
	Externato Despertar, Oliveira de Azeméis	1	60	Aveiro	
TOTAIS 2004/05			26	1348	
	Estabelecimento de Ensino	Sessões	Nº		
			Público	Distrito	
2005/06	JI	Santa Eulália	1	50	Porto
		Agro, Valadares	1	40	Porto
		Capela	1	21	Porto
		Arojo e Labercos	1	30	Porto
		Moinhos	1	40	Porto
		Falcão nº2	2	65	Porto
		Regado	2	66	Porto
		Santo António	2	79	Porto
		Nossa Senhora da Misericórdia	1	62	Porto
		Pasteleira	2	69	Porto
		Canidelo	2	98	Porto
		Moutidos	2	66	Porto
		dos Castelos	1	33	Porto
		Milheirós de Poiars	3	149	Aveiro

	Leonardo Coimbra	1	15	Porto
	Centro de Bem-estar Social Nossa Senhora do Socorro	1	60	Porto
	Gestalinho	1	40	Porto
	Baselhas	1	40	Porto
	Campa do Preto	1	37	Porto
	Groute-Raimonde	1	45	Porto
	Correios	2	129	Porto
	Santa Eulália	2	78	Porto
	Quinta S. Gens	2	123	Porto
	Seixo Alvo	3	143	Porto
	Tardariz	1	62	Porto
	Moinhos	2	83	Porto
	Capela	1	55	Porto
	Compostela	1	30	Porto
	Gestalinho	3	134	Porto
	Baselhas	3	147	Porto
	Vale de Ferreiros	2	115	Porto
	Marmoiral	1	63	Porto
EB1	Lagos	3	152	Porto
EB23	Sande, Marco de Canavezes	3	180	Porto
	Castêlo da Maia, Maia	8	416	Porto
Privados	O Patinhas, Porto	1	50	Porto
	Madre Isabel Larrañaga, Gondomar	3	151	Porto
	Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento Anikó, Maia	1	25	Porto
	A Toca do Menino, Vila Nova de Gaia	1	64	Porto
	De Mãos Dadas, Gondomar	3	140	Porto
	Colégio de Gaia, Vila Nova de Gaia	2	100	Porto
	Santa Margarida, Gondomar	3	171	Porto
	O Mundo Mágico, Gondomar	1	50	Porto
	Paulo VI	2	88	Porto
TOTAIS 2005/06		82	3854	
		Nº	Nº	
	Estabelecimento de Ensino	Espetáculos	Público	Distrito
2006/07	J1			
	Agro, Vila Nova de Gaia	1	40	Porto
	Moutidos, Maia	2	67	Porto
	Cavadinhas, Vila Nova de Gaia	1	43	Porto
	Centro Social Paróquia Sra. da Conceição	1	34	Porto
	Groute-Raimonda	1	54	Porto
	Falcão nº2	1	52	Porto
	Fonte da Moura	1	18	Porto
	Gens, Gondomar	1	29	Porto
	Pulgada, Gondomar	1	27	Porto
	Guarda, Maia	2	78	Porto
	São Sebastião, Mardo de Canavezes	1	18	Porto
	Pasteleira, Porto	1	53	Porto

	Campos de Cima, Marco de Canavezes	1	17	Porto	
	Campa do Preto, Maia	1	40	Porto	
	Falcão 2, Porto	2	63	Porto	
EB1	Praia de Angeiras, Matosinhos	4	192	Porto	
	Tardariz, Gondomar	2	70	Porto	
	Paço	1	32	Porto	
	Ferreirinha, Gondomar	1	30	Porto	
	Gens, Gondomar	1	40	Porto	
	Sete Bicas, Matosinhos	1	39	Porto	
	D. João IV, Porto	1	55	Porto	
	Aguiar, Godomar	1	42	Porto	
	Sá, Vila Nova de Gaia	2	63	Porto	
	Estrada, Gondomar	2	65	Porto	
	Compostela, Gondomar	1	28	Porto	
	Jancido, Gondomar	2	64	Porto	
	Ponte, Gondomar	2	83	Porto	
	Gondivai, Maia	2	125	Porto	
	Meiral, Vila Nova de Gaia	4	215	Porto	
	Arroteia, Gondomar	4	172	Porto	
EB23	Santa Marinha, Vila Nova de Gaia	1	20	Porto	
	Pinheiro, Penafiel	2	100	Porto	
Privados	Colégio Luso-Francês, Porto	3	150	Porto	
	A Toca do Menino, Vila Nova de Gaia	2	62	Porto	
	Externato António Nobre, Matosinhos	2	71	Porto	
	O Poupas, Porto	2	72	Porto	
	Santa Margarida, Gondomar	3	160	Porto	
	Cantinho Escolar, Gondomar	1	62	Porto	
	Crestim, Maia	1	58	Porto	
	Floresta Mágica, Vila Nova de Gaia	1	50	Porto	
TOTAIS 2006/07		67	2753		
	Estabelecimento de Ensino	Nº Espectáculos	Nº Público	Distrito	
2007/08	JI	Santa Cruz, Barca	1	23	Porto
		Campa do Preto, Maia	1	40	Porto
		Falcão 2, Porto	1	50	Porto
		Vasco da Gama, Porto	1	62	Porto
		Agro, Vila Nova de Gaia	1	39	Porto
		Moutidos, Maia	1	40	Porto
		Outeiro, Vila Nova de Gaia	1	45	Porto
		Estoril, Porto	1	40	Porto
		C. E. P. I. D. João IV, Porto	1	41	Porto
		Lavadores, Vila Nova de Gaia	1	22	Porto
		Leonardo Coimbra, Porto	1	17	Porto
		Aguiar de Sousa, Valongo	1	40	Porto
		Souto, Oliveira de Frades	1	43	Viseu
		São Pedro da Cova, Gondomar	1	40	Porto

	Gondezende, Vila Nova de Gaia	1	43	Porto	
	Castêlo da Maia, Maia	1	40	Porto	
	Raimonda, Paços de Ferreira	1	56	Porto	
	Águas Férreas	1	60	Porto	
	Pulgada, Gondomar	1	40	Porto	
EB1	Mandim	1	60	Porto	
	Águas Santas, Maia	2	80	Porto	
	Corim, Maia	1	20	Porto	
	Pícoa, Maia	1	20	Porto	
	Moutidos, Maia	1	45	Porto	
	Angeiras, Lavra	3	151	Porto	
	Gens	3	76	Porto	
	Gervide, Vila Nova de Gaia	2	100	Porto	
	Ferronho, Maia	1	40	Porto	
	Paiço, Maia	1	50	Porto	
	Gestalinho, Maia	2	78	Porto	
	Tardariz, Gondomar	2	73	Porto	
	Antela, Lavra	1	53	Porto	
	Belói, Gondomar	1	50	Porto	
	Pinheiro d'Além, Gondomar	3	157	Porto	
	Monte da Mina, Matosinhos	1	43	Porto	
	Ponte, Gondomar	2	89	Porto	
	Sá, Vila Nova de Gaia	2	105	Porto	
	Matas	4	175	Porto	
	"Divertir com o Saber"	23	250	Porto	
EB23	Areosa, Porto	1	50	Porto	
Privados	Santa Margarida, Gondomar	3	163	Porto	
	Toca do Menino, Vila Nova de Gaia	2	67	Porto	
	Santo António, Matosinhos	1	20	Porto	
	Sagrado Coração, Porto	2	70	Porto	
TOTAIS 2007/08		85	2866		
	Estabelecimento de Ensino	Nº	Nº	Distrito	
		Espetáculos	Público		
2008/09	JI	Cavadinhas, Vila Nova de Gaia	1	45	Porto
		Igreja de Lobão, Santa Maria da Feira	1	40	Porto
		Falcão 2, Porto	1	50	Porto
		Centro Social e Paroquial de Cedofeita, Porto	1	57	Porto
		Centro Social e Paroquial da Vitória, Porto	1	46	Porto
		Campo São Salvador, Barcelos	1	45	Braga
		Vasco da Gama, Porto	1	45	Porto
		Agro, Vila Nova de Gaia	1	45	Porto
		Toca do Menino, Vila Nova de Gaia	2	70	Porto
		Carvalhal, Santa Maria da Feira	2	66	Aveiro
		Sanguedo, Santa Maria da Feira	1	40	Aveiro
		Ordonhe, Santa Maria da Feira	1	45	Aveiro
		Souto, Santa Maria da Feira	1	50	Porto

	Barroca, Marco de Canavezes	1	38	Porto
	Arroteia, Gondomar (agrupamento)	5	200	Porto
	Gondim, Maia	1	65	Porto
	Quatro Caminhos, Marco de Canavezes	1	40	Porto
	Centro Social de Soalhões, Marco de Canavezes	1	20	Porto
	Candal, Santa Maria da Feira	1	20	Aveiro
	São Sebastião, Marco de Canavezes	1	40	Porto
	Aguiar de Sousa, Gondomar	1	60	Porto
	Raimonda	1	50	Porto
	Igreja de Romariz, Milheirós de Poiares	1	40	Aveiro
	Pereiró, Milheirós de Poiares	1	50	Aveiro
	Jancido	1	60	Porto
	Campa do reto, Maia	1	40	Porto
	Valinhos, Paredes	1	40	Porto
	Cascões, Paredes	1	40	Porto
	Lamas 2, Santa Maria da Feira	2	70	Aveiro
	Lamas 1, Santa Maria da Feira	1	65	Aveiro
	Candal, Santa Maria da Feira	2	100	Aveiro
	Esperança, Marco de Canavezes	1	49	Porto
	Portela, Marco de Canavezes	1	39	Porto
	Tardariz, Gondomar	2	80	Porto
	Gens, Gondomar	2	100	Porto
	Freixo, Marco de Canavezes	1	46	Porto
	Souto Redondo, Santa Maria da Feira	3	150	Aveiro
	Estrada, Gondomar	2	90	Porto
	Corveiros, Vila Nova de Gaia	2	81	Porto
	Castro, Gondomar	1	40	Porto
	Gandra, Gondomar	1	40	Porto
EB1	Ramalde, Gondomar	1	20	Porto
	Souto, Gondomar	1	20	Porto
	Taralhão, Gondomar	1	20	Porto
	Aguiar, Gondomar	1	40	Porto
	Vinhal, Gondomar	1	40	Porto
	Gondezende, Santa Maria da Feira	1	40	Aveiro
	Antela	1	60	Porto
	Senhora do Monte, Vila Nova de Gaia	2	85	Porto
	Corim	4	202	Porto
	Pícua	1	20	Porto
	Moutidos	2	66	Porto
	Ferronho, Maia	3	150	Porto
	Cabanas	2	100	Porto
	Arroteia, Gondomar	3	130	Porto
EB23	Areosa, Porto	1	50	Porto
	Junqueira, Vila do Conde	5	230	Porto
Privad	Santa Margarida, Gondomar	2	110	Porto
	O.S.M.O.P., Porto	3	150	Porto

	O Patinhas	1	50	Porto
	A. S. S. Mãos à Obra	2	80	Porto
	O Patinhas	1	50	Porto
	O Patinhas	1	50	Porto
TOTAIS 2008/09		95	4160	
	Estabelecimento de Ensino	Nº Espetáculos	Nº Público	Distrito
	Campo, Barcelos	1	40	Braga
	Moutidos, Maia	1	50	Porto
	Centro Infantil de Pevidém, Guimarães	1	80	Braga
	Roriz, Barcelos	2	107	Braga
	Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	2	80	Porto
	Centro Social e Paroquial de Vera Cruz	2	80	Aveiro
	Centro Social de Santo Adrião	2	70	Braga
	Casconha	1	40	Porto
	Trás-da-Várzea	1	26	Porto
	Outeiro	1	64	Porto
	Aguiar de Sousa	1	40	Porto
	Carregada de Baixo	1	40	Porto
	Centro Social Santo Adrião Pólo II	1	30	Braga
	Vouzela	1	48	Viseu
	Cavadinhas	1	50	Viseu
	Fornos	1	40	Viseu
	Matosinhos	1	20	Porto
	Baixinho	1	50	Porto
	Carvalheiro	1	36	Porto
	Gualtar	1	60	Porto
	Barroca, Marco de Canavezes	1	30	Porto
	Falcão	2	80	Porto
	Devesas	2	70	Porto
	Sobreposta, Braga	1	40	Braga
	Salgueiral, Espinho, Braga	1	40	Braga
	Centro Social de Santo Adrião	2	70	Braga
	Canidelo	1	50	Porto
	Agro	1	40	Porto
	Pulgada, Aguiar de Sousa	2	80	Porto
	Presa, Adaúfe, Palmeira, Braga	1	40	Braga
	Igreja, Romariz	2	90	Braga
	Junqueira	4	200	Braga
	Raimonda	1	40	Porto
	Souto de Lafões, Oliveira de Frades	1	30	Viseu
	Agro, Valadares	1	40	Porto
	Azevedo, Lama, Barcelos	1	60	Braga
	Pereiro	1	30	Braga
	Romariz	1	30	Braga
	Aguiar, Barcelos	1	30	Braga

2009/10

Jl

	Souto, Argoncilhe	1	50	Aveiro	
	Pousadela	1	50	Aveiro	
	Ordonhe	1	39	Aveiro	
	Aldriz	1	13	Aveiro	
	Queirã, Vouzela	1	30	Viseu	
	S. Domingos	2	67	Aveiro	
	Carvalhal	1	38	Aveiro	
	Igreja, Sabguedo	1	37	Aveiro	
	Candal	1	15	Porto	
	Arraial	1	15	Porto	
	Jancido	1	50	Porto	
	Nedelo, Fafe	1	40	Braga	
	Coucilheiro, Vila Verde	1	52	Braga	
	Gandra, Maia	1	65	Porto	
EB1	Souto Redondo	2	80	Porto	
	Caldelas	2	93	Braga	
	Chouzelas	2	80	Braga	
	Igreja, São Paio de Oleiros	2	88	Aveiro	
	Igreja, São Paio de Oleiros	2	77	Aveiro	
	Sendim, Matosinhos	1	45	Porto	
	Tadariz	2	80	Porto	
	Sendim, Matosinhos	1	45	Porto	
	Moutidos	2	120	Porto	
	Granja	1	50	Porto	
	Corim	2	120	Porto	
	Pícua	1	50	Porto	
	Vale de Ferreiros	3	150	Porto	
	Alvito	2	70	Braga	
	Corveiros, Grijó	2	100	Porto	
	Torregim	4	170	Braga	
	Ferreirinha	1	30	Braga	
	Martim, Barcelos	2	130	Braga	
	Padre Joaquim Flores	2	90	Porto	
Barca, Maia	1	52	Porto		
EB23	Paços José, Guifões	2	127	Porto	
Privados	Colégio da Trofa	2	100	Porto	
	Ramalhete	1	50	Porto	
	Santa Joana, Ermesinde	2	100	Porto	
TOTAIS 2009/10		110	4799		
	Estabelecimento de Ensino	Nº Espetáculos	Nº Público	Distrito	
2010/11	JI	Santa Cruz do Bispo	1	60	Porto
		Gualtar, Braga	1	65	Braga
		Raimonda, Paços de Ferreira	1	50	Porto
		Baixinho, Gondomar	1	50	Porto
		Arrancada do Vouga	1	60	Aveiro

	Gondizalves, Braga	1	32	Braga
	Aguiar de Sousa	1	60	Porto
	Coimbrões, Vila Nova de Gaia	2	70	Porto
	Tebosa, Braga	2	30	Braga
	Rendufe, Guimarães	2	35	Braga
	Campo São Salvador, Barcelos	2	45	Braga
	Junqueira (agrupamento)	5	220	Braga
	Moutidos, Maia	1	60	Porto
	Corim	1	63	Porto
	Jancido, Gondomar	1	45	Porto
	Presa, Adaúfe, Braga	1	33	Braga
	Ferronho, Maia	1	30	Porto
	Matosinhos (agrupamento)	2	110	Porto
	Fradelos, Braga	1	30	Braga
	Areias de Vilar, Barcelos	2	90	Braga
	Argoncilhe (agrupamento)	4	200	Aveiro
	Boavista, Penafiel	1	30	Porto
	Trás-da-várzea	1	24	Porto
EB1	Mieiro	2	70	Porto
	Enxurreiras, Maia	2	110	Porto
	Chouselas, Vila Nova de Gaia	2	72	Porto
	Campo, São Salvador, Barcelos	1	60	Braga
	Marmoiral, Vila Nova de Gaia	1	58	Porto
	Tardariz, Gondomar	1	60	Porto
	Barca, Maia (agrupamento)	6	285	Porto
	Lordelo Alto, Guimarães	2	93	Braga
	Ferreiros, Cristelo, Barcelos	1	60	Braga
	Pedraça, Cabeceiras de Basto	1	44	Braga
	Serra, Cabeceiras de Basto	2	117	Braga
	Pegada, Guimarães	2	80	Braga
	Meiral, Vila Nova de Gaia	5	240	Porto
	Milhazes, Barcelos	2	100	Braga
	Gandra, Maia	1	65	Porto
	Corredoura, São Vicente de Lafões	1	20	Viseu
	Lourinhã, Rio Tinto	4	208	Porto
Pedrouços	2	100	Porto	
EB23	Areosa, Porto	1	30	Porto
Privados	Centro Infantil Justino Teixeira	1	57	Porto
	Encanto, Padrão da Légua	2	111	Porto
	A minha janela, Porto	1	36	Porto
	Centro Social Santo Adrião	2	69	Braga
	Colégio Novo da Maia	1	50	Porto
	Colégio Madre Isabel Larragna	2	70	Porto
	Colégio de Braga	1	50	Braga
	Fundação Bonfim, Braga	2	70	Braga

TOTAIS 2010/11		87	3877		
Estabelecimento de Ensino		Nº Espetáculos	Nº Público	Distrito	
2011/12	JI	Trás de Várzea	1	20	Porto
		Toca do menino	1	50	Porto
		Atães	1	35	Porto
		Chouselas	1	20	Porto
		Moutidos	1	40	Porto
		Corim	1	40	Porto
		São Vicente de Lafões	1	25	Viseu
		Asprela	1	25	Viseu
		Vila Verde - Tuías, Marco de Canavezes	1	40	Porto
		Gandra	3	140	Porto
		Jancido	1	45	Porto
		Florinhas do lar	2	90	Porto
		Matosinhos	1	30	Porto
		Milheirós, Maia	2	85	Porto
		Arrancada do Vouga	2	64	Aveiro
		Raimonda	2	66	Porto
		Roriz	1	46	Braga
		Silva	1	50	Braga
		Carapeços	2	70	Braga
		Arroteia	1	50	Braga
		Souto de Lafões	1	25	Viseu
		Sol dos pequeninos	1	20	Porto
		Quinta do sol	1	40	Porto
		Couto de Mineiro	2	70	Viseu
		Agro, Valadares	1	40	Porto
		Medelo, Fafe	1	30	Braga
		Aguiar. Pulgada	1	40	Porto
		São Vicente de Lafões	1	25	Viseu
		Freamunde	2	100	Porto
		Carvalho, Santa Maria Feira	1	40	Aveiro
		Patronato Nossa Senhora Fátima	2	100	Porto
		São Bento	2	100	Porto
		MNSR: festa na baixa - 3 jardins	1	120	Porto
		ferronho	1	45	Aveiro
		Coucieiro	1	50	Aveiro
EB1	Chouselas	1	50	Porto	
	Asprela	1	25	Porto	
	Tardariz	1	41	Porto	
	Corredoura	1	22	Viseu	
	Arcozelo, Oliveira de Frades	1	50	Viseu	
	Corredoura	1	22	Viseu	
	Lamas 3	3	155	Aveiro	
Vilar	2	110	Viseu		

		Arcozelo, Oliveira Frades	1	50	Viseu	
	EB23	Couto Mineiro do Pejão	1	75	Viseu	
	Privados	Oceanus	1	50	Porto	
		CLIB	2	116	Braga	
		Oceanus	1	30	Porto	
		Conchinha	1	60	Porto	
TOTAIS 2011/12			64	2732		
		Estabelecimento de Ensino	Nº Espetáculos	Nº Público	Distrito	
2012/13		Agro, Valadares	1	40	Porto	
		Silva, Barcelos	1	40	Braga	
		Igreja - Campo, Barcelos	1	40	Braga	
		São Veríssimo, Tamel	1	34	Braga	
		Santegãos	1	50	Braga	
		Alheira. Barcelos	1	50	Braga	
		Fernão de Magalhães, Porto	2	70	Porto	
		Moutidos, Maia	1	50	Porto	
		Cristal, Maia	1	18	Porto	
		Gandra, Maia	2	100	Porto	
		Corim	1	50	Porto	
		Lama, Alpendorada	2	63	Porto	
		Pico de São Cristóvão	2	65	Porto	
		Campa do preto	1	44	Porto	
		Quinta do Sol	1	40	Porto	
		Oliveira de Frades	1	39	Viseu	
		JI Castelos, Porto	1	50	Porto	
		Campo Besteiros	1	30	Viseu	
		Vilar de Besteiros	1	40	Viseu	
		Vila Nova - Tuías	2	70	Porto	
		Raimonda	1	60	Porto	
		Jancido	1	40	Porto	
		Trás de Várzea	1	20	Porto	
		São Vicente de Lafões	1	20	Viseu	
		Arrancada do Vouga	1	50	Aveiro	
		macieira - fornelos	1	50	Viseu	
		bustelo	1	40	Viseu	
		delães	2	70	Viseu	
		Ferronho, Maia	1	50	Porto	
		São Vicente de Lafões	1	20	Viseu	
		Portelhinha 2	1	40	Porto	
		Santegãos	1	45	Aveiro	
		Água Viva, Matosinhos	1	20	Porto	
		EB1	São Lourenço, Castelo de Paiva	2	80	Aveiro
			Corticeiro de Cima, Cantanhede	2	70	Coimbra
			Paço, Sobrado	2	70	Porto
		São Fins - Belinho, Esposende	2	100	Braga	

	Gens	2	89	Porto
	Campa - Castelões, Guimarães	3	160	Braga
	Moutidos	2	70	Porto
	Gandra, Maia	1	20	Porto
	Cristal	1	20	Porto
	Corim	1	60	Porto
	Pícua	1	20	Porto
	Granja	1	20	Porto
	arcozelo das maias	1	35	Viseu
	corredoura	1	20	Viseu
Privados	Pinga amor - Fânzeres	1	50	Porto
	IESA	1	30	Porto
	Pinga amor - Fânzeres	1	50	Porto
	Centro Social Paróquia de Gulpilhares	2	70	Porto
	Obra de Santa Zita	2	100	Braga
	recanto infantil da mafalda	1	25	Lisboa
	nogueira, misericórdia da maia	2	87	Porto
	Açafate	2	70	Porto
	O Patinhas	1	50	Porto
	TOTAIS 2012/13		74	2874
	Estabelecimento de Ensino	Nº Espetáculos	Nº Público	Distrito
2013/14	Guarda, Maia	2	80	Porto
	Centro Escolar de Margaride	2	100	Porto
	JI Cadavão, Vilar do Paraíso	1	50	Porto
	Várzea, Felgueiras	2	100	Porto
	Varziela, Felgueiras	1	30	Porto
	Campo, Barcelos	1	35	Braga
	São Martinho de Orgens	1	30	Viseu
	Trás-de-Várzea	1	25	Porto
	Vilarinho, Oliveira de Frades	1	50	Viseu
	Quinta do Sol	1	40	Porto
	Oriz, São Miguel, Vila Verde	1	40	Braga
	Jancido	1	40	Porto
	JI Formigosa, VN Gaia	1	40	Porto
	Lama, Alpendurada	1	59	Porto
	Marinhas, Esposende	2	63	Braga
	Murraceses, Grijó	1	50	Porto
	Alto, Lordelo - Guimarães	1	20	Braga
	Santo António, Grijó	1	60	Porto
	Ribeiradio, Oliveira de Frades	1	40	Viseu
	Silva, Barcelos	1	40	Braga
	JI Souto de Lafões	1	50	Viseu
	JI Roriz	1	40	Braga
	Sernandes, Fegueiras	1	30	Porto
	Longra, Rande, Felgueiras	1	30	Porto
	Idães, Felgueiras	1	30	Porto

	Salgueiros, Sousa, Felgueiras	1	20	Porto
	Rapadiça, Revinhande, Felgueiras	1	20	Porto
	Chafé, Viana do Castelo	1	58	Viana do Castelo
	Agro, Valadares	1	40	Porto
	Raimonda, Paços de Ferreira	1	60	Porto
	Chaves (agrupamento)	4	400	Vila Real
	Carapeços, Barcelos	2	80	Braga
	Centro Escolar de Corim	2	75	Porto
	Portelinha, Rio Tinto	1	60	Porto
EB1	Cadavão, Vilar do Paraíso	2	100	Porto
	VN Cerveira (biblioteca)	2	80	Viana do Castelo
	Olhos de Água 2 - Palmela	1	39	Setúbal
	Asseiceira (Rio Maior)	1	35	Santarém
	Vale d'Óbidos (Rio Maior)	1	36	Santarém
	Alto, Lordelo - Guimarães	2	66	Braga
	Santo António, Grijó	2	100	Porto
	Arcozelo das Maias	1	40	Viseu
	Corim	1	60	Porto
	Granja	1	20	Porto
	Moutidos	1	60	Porto
	Badoucos, Feira	1	45	Aveiro
	Centro Escolar da Gandra	1	60	Porto
	EB1/JI Cortegaça, Sintra	1	45	Lisboa
	Centro Escolar Bombarral	6	350	Leiria
	Idanha-a-nova (agrupamento)	4	110	Castelo Branco
	EB1/JI Outeiro, Rio Meão	2	100	Aveiro
	Campo, Barcelos	1	30	Braga
	Vila Nova, Marco de Canavezes	2	80	Porto
EB23	ESAlberto Sampaio, Braga	1	50	Braga
	ES Pinheiro, Penafiel	4	200	Porto
	EB23 Felgueiras	4	192	Porto
	EB23 Peniche	2	90	Leiria
	EBS Escariz, Arouca	2	120	Aveiro
Privados	JI Costa Verde	1	50	Aveiro
	JI Costa Verde	1	50	Aveiro
	Academia dos Pimpolhos, Viana do castelo	1	40	Viana do Castelo
	Colégio Penas Real, Alcochete	2	120	Setúbal
	Happy School, Alcochete	1	40	Setúbal
	Colégio Alemão	3	135	Porto
	Centro Social Paroquial Santo António de Corim	1	31	Porto
	Centro Paroquial Santa Maria, Guimarães	2	65	Braga
	Colégio Bom Jesus, Cernache	3	140	Coimbra
	SCM Mogadouro	1	60	Bragança
	CLIP	2	119	Porto
	CLIP	2	106	Porto
	Centro Social de Rates	2	86	Braga

	Externato das Pedralvas, Lisboa	3	154	Lisboa	
	Centro Social de Soutelo	2	120	Porto	
	Centro Social Nossa Senhora da Boavista	1	40	Porto	
	Centro Social de Rates	1	30	Braga	
	Bem-Me-quer, Delães	2	80	Braga	
	Colégio Heliântia	1	30	Porto	
TOTAIS 2013/14		121	5589		
	Estabelecimento de Ensino	Nº Espetáculos	Nº Público	Distrito	
2014/15	Gualtar, Braga	2	70	Braga	
	São Domingos, Argoncilhe	1	56	Aveiro	
	Soutelo, Lordelo	1	41	Porto	
	Aldeia de Joanes, Fundão	1	40	Castelo Branco	
	Fraião, São Veríssimo	1	35	Braga	
	Trás de Várzea	1	20	Porto	
	Pulgada	1	20	Porto	
	II Centro Escolar de Corim	2	70	Porto	
	Pousadela, Nogueira da Regedoura	1	22	Aveiro	
	Vila Cova, Barcelos	2	64	Braga	
	da Silva, Barcelos	1	40	Braga	
	Trás de Várzea	2	70	Porto	
	Vila Nova, Marco de Cnavezes	1	60	Porto	
	Murracezes	1	52	Porto	
	São Domingos, Argoncilhe	1	60	Aveiro	
	EB1	EB1/JI Santo António, Fráguas, Rio Maior	2	93	Santarém
		Eb1/JI de Gens, Foz de Sousa	2	75	Porto
		EB1/JI de Vendas, Seixezelo	2	117	Porto
		EB1/JI de Mazedo, Monção	3	140	Viana do Castelo
		Centro Escolar da Gandra	2	70	Porto
Moutidos		1	50	Porto	
Corim		2	70	Porto	
Pícua		1	20	Porto	
Arcozelo das Maias		1	60	Viseu	
Centro Escolar da Gandra		2	70	Porto	
Moutidos		1	50	Porto	
Corim		2	70	Porto	
Pícua		1	20	Porto	
Rio Caldo		1	60	Braga	
Terras de Bouro		2	100	Braga	
Gerês		2	90	Braga	
Bela, Ermesinde		4	200	Porto	
Agustina Bessa Luís, Vila do Conde		3	150	Porto	
Porto - "Mil escolas"		6	300	Porto	
Lisboa - várias		10	500	Lisboa	
EB23	EB23 Azeredo Perdigão, Viseu	3	160	Viseu	
	EB123 Peniche	2	100	Leiria	

	EB123 Peniche	2	70	Leiria		
	Colégio Bom Jesus, Cernache	3	135	Coimbra		
	Grande Colégio Universal	1	42	Porto		
	Centro Social e Cultural da Meadela, Viana do Castelo	1	42	Braga		
	Colégio de Nossa Senhora da Esperança, Porto	3	140	Porto		
	Obra Social de São Martinho da Gândara	1	60	Porto		
	Casa do Povo de Alvito	1	50	Braga		
	Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira	1	29	Viana do Castelo		
	Associação de Trabalhadores da ACO	1	60	Braga		
	Centro Social e Cultural da Meadela, Viana do Castelo	2	77	Braga		
	SCM Mogadouro	2	78	Bragança		
	Externato de Santa Margarida	2	80	Porto		
	Salesianos, Porto	2	120	Porto		
Privados	Obra de Nossa Senhora das Candeias	1	20	Braga		
	CLIP	2	80	Porto		
	CLIP	2	70	Porto		
	Casa de Pessoal do Hospital Distrital de VNFamiliaricão	2	100	Braga		
	Centro Social e Paroquial da Borralha, Águeda	2	90	Aveiro		
	Obra Social de São Martinho da Gândara	2	100	Porto		
	Centro Social e Paroquial de Campos, VNCerveira	2	100	Porto		
	Salesianos, Porto	1	60	Porto		
	Centro Infantil A Gaivota, Esposende	2	80	Braga		
	Casa do Povo de Fermentões	3	128	Braga		
	Patronato NSBonança, VPÂncora	1	50	Viana do Castelo		
	CSP Nsdo Socorro, Viana do Castelo	1	50	Viana do Castelo		
	CSP de Alfena	2	100	Porto		
	Sorriso da Criança	1	60	Porto		
	Sorriso da Criança	1	20	Porto		
	TOTAIS 2014/15		121	5376		
			Nº	Nº		
		Estabelecimento de Ensino	Espetáculos	Público	Distrito	
	2015/16	JI	Jl Santiago, Aveiro	1	50	Aveiro
			Jl Campa do Preto, Maia	1	50	Porto
Jl da Guarda, Maia			1	50	Porto	
Santegãos, Rio Tinto			1	50	Porto	
Vila Nova de Cerveira (agrupamento)			2	100	Viana do Castelo	
Aldeia Nova, Lourosa			1	41	Aveiro	
Boucinha			1	60	Porto	
Trás-de-Várzea			1	20	Porto	
Queirã, Vouzela			1	14	Viseu	
Fraião, Tamel			1	60	Braga	
Centro Lúdico Oliveira de Azeméis			1	30	Aveiro	
Serrinha, Alpendorada			1	25	Porto	
Moimenta da Beira			2	100	Viseu	
São Domingos, Argoncilhe			2	70	Aveiro	
Lama, Alpendorada			1	60	Porto	
Silva, Barcelos			1	60	Braga	

	Ribeira, Foz do Sousa	1	20	Porto
	Pinheiro d'Além, Gondomar	1	60	Porto
	Bacêlo, Paredes	1	21	Porto
	Raimonda	1	50	Porto
	São Pedro de Avioso	1	60	Porto
	Gandra	2	75	Porto
	Felgueiras (agrupamento)	6	300	Porto
	Cerdal, Viana do Castelo (agrupamento)	4	240	Viana do Castelo
	Pinga Amor, Fânzeres	1	60	Porto
	Quinta do Sol, Valbom	1	60	Porto
	Pousadela, Nogueira da Regedoura	1	25	Aveiro
EB1	EB1 nº8 Setúbal	1	60	Setúbal
	São Pedro de Avioso	1	60	Porto
	Felgueiras (agrupamento)	8	500	Porto
	Feira (agrupamento)	8	400	Aveiro
	Marques dos Santos, Gaia	2	120	Porto
	Lagoa, Caldas de Vizela	1	60	Braga
	EB Maria de Lurdes Sampaio Melo, Vizela	1	60	Braga
	São Miguel, Vizela	2	120	Braga
	Manuel António Pina, Gaia	2	120	Porto
	Aveiro (agrupamento)	4	240	Aveiro
	Argoncilhe (agrupamento)	2	100	Aveiro
Coruche (agrupamento)	3	390	Santarém	
Fernando Guedes, Gaia	4	240	Porto	
Privados	EB23 Peniche	2	120	Leiria
	Encontro Ser Educação	2	100	Braga
	Colégio Ramalhete	2	120	Porto
	N. Sr. Bonança, Candal	3	180	Porto
	Florbelas Espanca (Lisboa)	1	54	Lisboa
	Colégio Paulo VI	3	135	Porto
	Infantário Pinga Amor, Fânzeres	1	50	Porto
	CSPCampos, VNCerveira	1	40	Viana do Castelo
	SCMVNCerveira	1	60	Viana do Castelo
	CSPLeia	2	100	Leiria
	Colégio dos Salesianos, Porto	2	120	Porto
	Externato São João de Brito, Porto	3	150	Porto
	CSPCarvalhosa, Paços de Ferreira	1	60	Porto
	SCMMogadouro	1	60	Bragança
	A nossa casa, Esmoriz	1	30	Aveiro
	Colégio N.Sra. Bonança, Gaia	2	120	Porto
	CSP Carvalhosa, Paços de Ferreira	1	27	Porto
	ASCLouredo	2	75	Porto
	Estação Litoral da Aguda	1	20	Porto
	CSPCortegaça	2	80	Aveiro
CS Monsenhor Pires Quesado, Póvoa de Varzim	1	60	Porto	
Florbelas Espanca (Lisboa)	1	54	Lisboa	

	Salesianos, Porto	1	46	Porto	
	Rainha Sta. Isabel, Barcelos	1	60	Braga	
	Grande Colégio da Póvoa de Varzim	3	150	Porto	
	CSP Recardães, Águeda	1	60	Aveiro	
	Colégio dos Cedros, Gaia	1	60	Porto	
	SCMLamego	1	50	Vila Real	
	ASCLouredo	2	75	Porto	
	Aescolas Torne e Prado, Gaia	1	60	Porto	
	CSP Recardães, Águeda	1	30	Aveiro	
	Eurythmia, Porto	1	60	Porto	
	A Beneficente, Póvoa do Varzim	1	60	Braga	
TOTAIS 2015/16		128	6807		
		Nº	Nº		
	Estabelecimento de Ensino	Espectáculos	Público	Distrito	
2016/17	JI	Cruzeiro, Oliveira de Azeméis	1	50	Aveiro
		Sever do Vouga (agrupamento)	6	300	Aveiro
		Corim	2	120	Porto
		Jancido	1	50	Porto
		Outeiro, Oliveira de Azeméis	1	50	Aveiro
		Monte, Gulpilhares	1	20	Porto
		Jancido	1	50	Porto
		Souto Maior	1	30	Porto
		Cête	2	67	Porto
		Silva, Barcelos	1	50	Braga
		Francelos	1	50	Porto
		Agrupamento Viseu Norte	4	240	Viseu
		Agrupamento Celeirós	3	180	Braga
		Ferronho, Maia	2	86	Porto
		Sobreira (agrupamento)	6	300	Porto
		Ourique (agrupamento)	2	120	Beja
		Jancido	1	50	Porto
		Bom Pastor, Viana do Castelo	1	60	Viana do Castelo
		Guilhabreu, Vila do Conde	1	52	Porto
		Boucinha	1	50	Porto
	Gandra, Paredes	2	72	Porto	
	Quinta do Sol	1	60	Porto	
	Cruzeiro, Oliveira de Azeméis	1	50	Aveiro	
	Suldouro (para JI)	3	160	Porto	
	Vairão, Vila do Conde	1	40	Porto	
	Fornelo, Porto	1	30	Porto	
	EB1	Corim	3	120	Porto
		Vairão, Vila do Conde	2	70	Porto
		Centro Escolar de Vilela	3	180	Porto
		CE2Lordelo, Paredes	2	92	Porto
CE1Lordelo, Paredes		2	90	Porto	
Monte, Gulpilhares		1	50	Porto	
Corim		2	80	Porto	

	Pícuia	1	21	Porto	
	Gandra	2	70	Porto	
	Moutidos	2	70	Porto	
	Arcozelo das Maias	1	57	Viseu	
	Vairão, Vila do Conde	1	50	Porto	
	Silva, Barcelos	2	100	Braga	
	Francelos	3	140	Porto	
	Ferronho, Maia	1	39	Porto	
	Eugénia de Castro, Oliveira de Azeméis	4	200	Aveiro	
	Souselas, Coimbra	1	60	Coimbra	
	Carregal, Ovar	1	60	Aveiro	
Privados	Colégio Flor da Linha, Paço de Arcos	1	45	Lisboa	
	Casa do Menino Deus, Barcelos	3	180	Braga	
	Grande Colégio da Póvoa de Varzim	2	120	Porto	
	Salesianos, Porto	1	45	Porto	
	Colégio Flor da Linha, Paço de Arcos	1	45	Lisboa	
	SCMMogadouro	1	60	Bragança	
	CLIP	4	220	Porto	
	Colégio Santa Eulália	2	100	Aveiro	
	Os Pioneiros, Mourisca do Vouga	2	120	Aveiro	
	CAFPinto de Carvalho, Oliveira de Azeméis	1	30	Aveiro	
	O Amanhã da criança	2	120	Porto	
	Os Pioneiros, Mourisca do Vouga	1	30	Aveiro	
	Oceanus	2	120	Porto	
	Jardim das Cores, Vila do Conde	3	180	Porto	
	TOTAIS 2016/17		108	5351	
		Nº	Nº		
	Estabelecimento de Ensino	Espetáculos	Público	Distrito	
2017/18	JI	Francelos	1	60	Porto
		Ribeira	1	20	Porto
		Cidade do Sol, Barreiro	1	60	Setúbal
		Quinta da Lomba, Barreiro	1	60	Setúbal
		Agro, Valadares	1	60	Porto
		Lever	1	20	Porto
		CSP Perre, Braga	1	60	Braga
		Fraldinhas, Barreiro	1	30	Setúbal
		Quinta do Sol, Barreiro	1	30	Setúbal
		Ribeira	1	20	Porto
		EBI do Ave, Póvoa de Lanhoso	2	100	Braga
		Miranda do Douro (agrupamento)	2	120	Bragança
		Trás-de-Várzea	1	30	Porto
		Braga Este (agrupamento)	4	200	Braga
		Valrico, Feira	1	40	Aveiro
Moçâmedes, Vouzela	1	44	Viseu		
EB1	Francelos	2	120	Porto	
	Ribeiro/Fornos, Feira	1	60	Aveiro	

	Esposende	2	120	Braga	
	Corim	2	90	Porto	
	Gandra	2	90	Porto	
	Moutidos	1	60	Porto	
	Pícua	1	20	Porto	
	Pampilhosa da Serra	3	180	Castelo Branco	
	Viseu (agrupamento)	3	180	Viseu	
	Alvaiázere (agrupamento)	3	300	Leiria	
	Boucinha	4	280	Porto	
	Ovar (biblioteca)	1	60	Aveiro	
	Almada (biblioteca)	2	120	Setúbal	
	Cascais (Museu do Mar)	3	180	Lisboa	
	Sousel (biblioteca)	1	60	Portalegre	
	Viseu (festival Educarte)	3	180	Viseu	
	Serradelo, Castelo de Paiva	1	60	Aveiro	
	Vinhais (agrupamento)	2	200	Bragança	
Privados	EFANOR	1	60	Porto	
	Santíssimo Sacramento	2	90	Porto	
	CSP Corim	1	60	Porto	
	Santíssimo Sacramento	1	30	Porto	
	CSP Boavista	1	60	Porto	
	CIJustino Teixeira	1	22	Porto	
	CS Sandim, Gaia	1	60	Porto	
	Santíssimo Sacramento	2	100	Porto	
	CSP Corim	1	45	Porto	
	SCM Mogadouro	1	60	Bragança	
	Santíssimo Sacramento	1	60	Porto	
	CIJustino Teixeira	2	100	Porto	
	Santíssimo Sacramento	2	90	Porto	
	CLIP	2	120	Porto	
	CSPCampos, Cerveira	1	60	Viana do Castelo	
	Alcofa, Viana do Castelo	1	60	Viana do Castelo	
	Santíssimo Sacramento	2	90	Porto	
	Santíssimo Sacramento	1	30	Porto	
	Santíssimo Sacramento	1	30	Porto	
	ACS Sanfins do Douro, Alijó	1	20	Vila Real	
TOTAIS 2017/18		84	4561		
	Estabelecimento de Ensino	Nº	Nº	Distrito	
		Espetáculos	Público		
2018/19	II	EB Alberto Valente, Pinhal Novo	2	130	Setúbal
		Souto, Nogueira da Regedoura	3	180	Aveiro
		Centro Escolar Lordelo nº2	2	70	Porto
		Centro Escolar Lordelo nº1	2	90	Porto
		São Domingos, Argoncilhe	2	70	Aveiro
		Vouzela	1	60	Viseu
		Leonardo Coimbra, Porto	1	35	Porto
		Cucujães (agrupamento)	3	147	Aveiro

	São Mamede Infesta (agrupamento)	3	150	Porto	
	Esposende (agrupamento)	6	300	Braga	
	São Paio de Oleiros	1	60	Aveiro	
	Moçâmedes, Vouzela	1	46	Viseu	
EB1	Foz Côa (agrupamento)	2	120	Bragança	
	Corim	2	90	Porto	
	Pícua	1	20	Porto	
	Moutidos	1	60	Porto	
	Granja	1	90	Porto	
	Alberto Sampaio (agrupamento) braga	2	400	Braga	
	EB1 Lamas	1	60	Aveiro	
	Miranda do Douro (agrupamento)	2	120	Bragança	
	Praias do Sado	1	60	Setúbal	
Privados	PLAY - brincar para crescer	1	60	Porto	
	CCS Santo Adrião	1	30	Braga	
	Santíssimo Sacramento	1	30	Porto	
	O Amanhã da Criança	1	60	Porto	
	Santíssimo Sacramento	2	90	Porto	
	Real Colégio de Portugal, Lisboa	1	40	Lisboa	
	Cesário Verde, Lisboa	3	150	Lisboa	
	Santíssimo Sacramento	1	30	Porto	
	Colégio Amorim, Póvoa de Varzim	2	100	Porto	
TOTAIS 2018/19		53	2948		
		Nº	Nº		
	Estabelecimento de Ensino	Espetáculos	Público	Distrito	
2019/20	JI	Jancido	1	50	Porto
		Souto	1	40	Porto
		Jancido	1	50	Porto
		Laborim, Gaia	1	40	Porto
		Cedro, Gaia	1	60	Porto
		Ribeira, Foz de Sousa	1	50	Porto
	EB1	Monte, Gulpilhares	2	120	Porto
		Guilheta, Esposende	1	60	Braga
		S. Bartolomeu de Mar, Esposende	2	71	Braga
		Apúlia	1	60	Braga
		Gemeses, Esposende	1	42	Braga
		Pinhote, Esposende	2	71	Braga
Corim		2	90	Porto	
EB23	Granja	2	90	Porto	
	Moutidos	1	60	Porto	
	Pícua	1	20	Porto	
	Escola António Rodrigues Sampaio, Esposende	2	100	Braga	
	Escola António Correia de Oliveira, Esposende	2	100	Braga	
	Escola Profissional de Esposende	2	100	Braga	
	Escola Aires Barbosa, Aveiro	1	50	Aveiro	
	Escola de Cacia, Aveiro	2	70	Aveiro	

	Escola Secundária José Estêvão	1	30	Aveiro
	Escola de São Bernardo	1	30	Aveiro
	Escola João Afonso, Aveiro	2	70	Aveiro
	EBI de Freixo, Aveiro	2	61	Aveiro
	Escola Castro Matoso	2	70	Aveiro
	Aradas, Aveiro	2	70	Aveiro
	Caneças, Sintra	3	400	Lisboa
Privados	Ext. São João de Brito, Porto	2	120	Porto
	CSPCorim	1	60	Porto
	CS Santo Adrião, Braga	1	60	Braga
	SCM Chaves	2	70	Vila Real
	CSP Tandim, Braga	1	30	Braga
	Colégio Alemão, Porto	2	120	Porto
TOTAIS 2019/20		52	2585	

Distribuição Geográfica

O distrito do Porto foi o mais abrangido, com 515 visitas. Segue-se o distrito de Braga com 115; Aveiro com 82; Viseu com 44; Viana do Castelo com 14; Lisboa com 12; Setúbal com 11; Bragança com 9; Leiria com 7; Santarém com 4; Vila Real com 4; Castelo Branco com 3; Beja com 1 e Portalegre com 1. O total perfaz 822 visitas sendo que em cada visita foram realizadas uma ou várias sessões.

Distribuição por tipos de estabelecimento (privado ou público) e níveis de ensino

No total dos anos letivos contabilizados, é nos estabelecimentos de ensino público que se verifica uma maior implementação do projeto, com 628 visitas a estabelecimentos de ensino público e apenas 181 visitas a estabelecimentos de ensino privado. Relativamente aos níveis de ensino, o pré-escolar é aquele que regista mais visitas, com um total de 366, seguido do primeiro ciclo, com 231 visitas e 2º e 3º ciclo, com 31 visitas.

Divulgação e comunicação do Projeto Faunas

O sucesso da implementação do projeto Faunas nos estabelecimentos escolares sempre esteve dependente, em larga medida, de uma boa divulgação e comunicação com as escolas, nomeadamente através dos professores, das coordenações pedagógicas, das bibliotecas escolares e das direções. A divulgação dos espetáculos é realizada durante os meses de junho, julho, setembro e outubro, com reforço durante o mês de janeiro. A divulgação é feita maioritariamente por via de correio eletrónico, junto das escolas, embora haja também alguma divulgação dirigida às bibliotecas públicas e às autarquias.

Normalmente, um estabelecimento de ensino, colégio ou agrupamento, faz um agendamento por ano letivo. Porém, acontece por vezes um estabelecimento realizar vários agendamentos que decorrem ao longo do ano letivo, para espetáculos diversos e abrangendo níveis de ensino ou temas distintos. Tal decorre do facto de mantermos em vigor ao longo de vários anos diferentes espetáculos visando áreas pedagógicas diferentes.

Avaliação das sessões e retorno pedagógico

Entre 2005 e 2011, para todos os espetáculos realizados em estabelecimentos de ensino havia uma “Ficha de Participação” (ver ANEXO 1), onde os professores registavam os seus dados, avaliavam a sessão, faziam críticas e davam sugestões de temas a serem abordados em espetáculos futuros. Deixamos de utilizar essa ferramenta quando percebemos que, ao fim de seis anos, as sugestões e avaliações começavam a repetir-se. A partir dessa altura, o retorno passou a ser de carácter informal, realizado através de conversas com os docentes e alunos.

Na faixa etária do pré-escolar, os registos gráficos e pictóricos sempre foram muito demonstrativos das impressões mais fortes deixadas nas crianças. Do primeiro ciclo, temos alguns textos sobre a experiência do teatro. Estes registos têm sido enviados esporadicamente pelos educadores e professores, posteriormente à realização dos espetáculos, e permitem-nos perceber o que fica registado na memória das crianças e a importância que dão a cada elemento ou personagem.

Financiamento e sustentabilidade do Projeto Faunas

O Projeto Faunas nunca obteve, até à data, qualquer financiamento ou subsídio continuado por parte do Estado, sendo que a sustentabilidade económica do projeto assenta nos resultados de venda dos seus espetáculos e oficinas artísticas. De modo a chegarmos a todos por igual e assegurarmos a continuidade do projeto, foi definido, desde o início, que o valor a praticar seria um valor mínimo por criança. Começou por ser, em 2005, 2,0 euros. Hoje, 2020, os valores variam entre 3,5 euros e 4,5 euros por criança (para peças de teatro distintas, consoante as necessidades logísticas de cada uma).

Os valores praticados por criança mantêm-se constantes independentemente do número de crianças presentes na sessão e dos custos de logística envolvidos, nomeadamente decorrentes da distância a que o estabelecimento de ensino está da nossa sede. Esse facto permite que as apresentações realizadas em escolas com muitos alunos ofereçam rentabilidade para podermos chegar também aos pequenos grupos que várias vezes nos chamam, de pequenos estabelecimentos de ensino, muitas vezes no interior do país. Se praticássemos valores por sessão, seria impossível realizar os nossos espetáculos perante grupos de vinte crianças, num lugar que nos exigiria despesas de deslocação, porque o grupo dificilmente teria capacidade financeira para pagar o nosso serviço. Assim, praticando valores mínimos por criança, conseguimos alcançar um dos nossos objetivos principais: chegar a públicos de vários estratos sociais, em diferentes contextos geográficos e socioeconómicos.

Ainda assim, deixamos à consideração dos professores tutelares de cada turma, a possibilidade de algumas crianças com manifestas carências económicas não pagarem bilhete. Por vezes, essa situação acontece, tal como já aconteceu o professor pagar o bilhete por alunos que não tinham possibilidades económicas e cujos pais não tinham pago o bilhete. Quando vamos a um estabelecimento de ensino, o nosso grande objetivo é dar a fruir teatro a todas aquelas crianças, por isso nunca discriminamos nem deixamos nenhuma criança de fora. Só assim estaremos a cumprir a nossa missão.

**

Historial do projeto

2005 – O arranque do projeto: Contar histórias em Literatura de Cordel

O lançamento do Projeto Faunas nas escolas decorreu da experiência que tive de aprender, escrever e contar histórias no formato de Literatura de Cordel Nordestina com o cordelista e ator Thomas Bakk. Entre 2003 e 2005 escrevi quatro contos nesse formato – “O Martírio dos Pintos”, “Laranjinha, o peixe que queria alimentar o espírito”, “Epitáfio autobiográfico do elefante vaidoso” e “A Vaca Metamórfica” – que, mais tarde, em 2011, viria a estrear como espetáculo integral, no Espaço La Marmita, com a parceria da coreógrafa Andrea Gabilondo.

- “Fábulas de Cordel” (2005) | “Histórias de animais para outros que tais” (2011)



“Histórias de animais para outros que tais”, apresentação no espaço La Marmita, 2012 (créditos da foto: Vítor Leite).

Entretanto, em 2005, criei uma sessão de narração oral intitulada “Fábulas de Cordel”, em que contava três dessas histórias com o acompanhamento musical do percussionista e construtor de instrumentos Allen. Para compreender melhor a Literatura de Cordel Nordestina, estudei-a mais a fundo e elaborei dois documentos que entrego aos professores e alunos, sempre que apresento estas histórias ou dou uma formação sobre o tema: Uma Síntese sobre a Literatura de Cordel Nordestina (ver ANEXO 2); Um Glossário sobre Literatura de Cordel (ver ANEXO 3).

A peça “Fábulas de Cordel” que, a partir de 2011, passou a ser chamada “Histórias de animais para outros que tais” é dirigida a maiores de 8 anos, pelo que o público-alvo escolar é essencialmente os 4º, 5º e 6º anos do ensino básico. Várias vezes a apresento também a plateias de adultos e público geral.

O espetáculo “Histórias de animais para outros que tais” foi estreado no Espaço La Marmita e apresentado a público geral no Lagar com Tempo (Albergaria-a-Velha), Espaço Santiago Alquimista (Lisboa), Fórum Romeu Correia (Almada), Festival Conten festa (Porto), Espaço Animateatro (Seixal) e Fringe do Festival de Teatro de Curitiba (Curitiba, Brasil), entre outros.

Acerca da participação deste espetáculo no festival de Curitiba, há uma reportagem realizada pela “Camera Mundi”, que pode ser vista aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=3SO9T2byO0c&t=28s>.

«Quatro contos no formato de Literatura de Cordel Nordestina, contados no português de Portugal, sobre animais de todo o mundo.

Quatro histórias de animais que, além de racionais, são também emocionais. Animais que amam, que odeiam, que descobrem, que deprimem, que desejam, que andam para a frente e para trás, bulindo interminavelmente. Quatro animais que se evadem de si próprios, ultrapassam a vida e a morte e vêm dar aos outros o que julgam ter encontrado.

Um peixe solitário vive num aquário, preterido pela sociedade e sonhando em conhecer o mar, ao qual ele vai chegar por um percurso sinuoso... Um galinheiro é transformado num aviário, mas os pintos revoltam-se... Uma vaca que produz leite achocolatado para uma fábrica de bolos é despedida quando se descobre que o chocolate provoca alergia, mas ela não se fica... Um elefante abandonado pela sua manada crê que poderá conseguir que os outros voltem a gostar dele se ficar mais elegante, o que não será bem verdade...

Moralistas ou subversivas, as suas histórias são um alimento psíquico de forte valor nutritivo.»

Sinopse de “Histórias de animais para outros que tais”.

- “O melro e a pomba amarela” (2005, continua em circulação)



Texto, encenação, interpretação e dispositivo cénico: Isabel Fernandes Pinto. Violoncelo (1ª versão): André Rocha. Figurinos: Ermelinda Martins e Tucha Martins. Execução de Cenário: António Grave.

Da esquerda para a direita: apresentações na EB1 da Arroiteia, Gondomar; no Centro de Artes e Ofícios Casa da Senhora Aninha, Guimarães; na Quinta da Cruz, Festival Educarte, Viseu.

Ainda em 2005, criei um espetáculo dirigido a crianças maiores de 3 anos que integra uma sessão de contador de histórias e uma oficina de teatro em que as crianças são envolvidas na representação da história que acabaram de ouvir. Esse espetáculo, que continua em digressão desde há 15 anos, chama-se “O melro e a pomba amarela”. Numa primeira fase, a peça tinha acompanhamento musical ao vivo com o violoncelista André Rocha. Posteriormente, juntei à narração um desenho sonoro feito com pequenas percussões e brinquedos musicais que acabou por substituir a presença do violoncelo.

O modelo de narração oral seguida da representação com as crianças, envolvendo-as na participação com cenário, figurino e adereços, foi inspirada numa peça que vi numa escola de primeiro ciclo em Innsbrück no final dos anos '90, da qual, lamentavelmente, não sei precisar o nome nem identificar a companhia de teatro. Nesse modelo, a repetição da história faz todo o sentido para a faixa etária do pré-escolar e dos primeiros anos do ensino básico, bem como a sua materialização com cenário, figurinos e objetos. O que verifico é que as crianças não perdem

o interesse na segunda vez que a história é contada e representada, pelo contrário, eles compreendem-na melhor, vivenciando-a de uma forma mais concreta e lúdica.

«Nesta breve oficina de teatro, começamos pela fábula narrada. Pode um parque albergar os sons dos pássaros? Pode. Pode a nossa imaginação albergar uma história de amizade? Sim. O melro e a pomba cantam e falam, nós escutamos.

Da escuta à ação, é o teatro que se faz. Precisamos de atores, figurinos, cenário, adereços. Todos são envolvidos: protagonistas, coro, contrarregra. E então... A história acontece:

Um melro, a voar, dá pela voz de uma pomba presa numa gaiola fechada. Encanta-se e aproxima-se dela, pousando no parapeito de uma janela próxima. Ao pousar, o fio sai da gaiola e vem amarrar-se à pata do melro. Que fará esse melro livre que assim se vê prisioneiro?»

Sinopse de “O melro e a pomba amarela”.

2005 – 2009 – Desenvolvimento da vocação pedagógica do projeto

Entre o final de 2005 e 2009, escrevi, encenei e interpretei, no Projeto Faunas, oito peças de teatro para levar às escolas com o objetivo de trabalhar temas pedagógicos específicos:

- “Uma casa de telhado para o chão” (2005).



Texto, encenação, interpretação e conceção cenográfica: Isabel Fernandes Pinto. Figurinos e Adereços: Ana Novais. Execução de Cenário: António Grave.

Da esquerda para a direita: apresentações na EB1 dos Castelos, Porto e na Festa de Natal da Casa de Pessoal do IPP.

“Uma casa de telhado para o chão” era um espetáculo dirigido a alunos do primeiro ciclo. O público assistia entrando numa manta com 60 lugares – tratava-se de uma personagem da própria história, uma tartaruga gigante. A peça envolvia questões de lógica, abordava a conceção de pontos de vista distintos e a diferença entre ficção e realidade. O espetáculo era cômico e interativo.

«As tartarugas dormem durante o Inverno e esta também. Ao longo do sono, teve três sonhos: o porco, enjoado com o seu cheiro, mudou-se para a casa de banho; a formiga, cansada de trabalhar, fugiu para o telhado; o pardal, cheio de dores de cabeça, refugiou-se na pocilga. Quando a tartaruga acordou, veio logo o gato farejar as novidades acerca dos seus sonhos. E não é que aqueles sonhos tinham mesmo acontecido?! Só que, na realidade, todas aquelas mudanças acarretaram problemas: o porco fez uma alergia com o sabão que usou para se lavar; a formiga desequilibrou-se e caiu do

telhado; o pardal constipou-se com as diferenças de temperatura. No meio disto, vem a velha, dona da casa que albergava todos aqueles animais e, desesperada, deita as mãos à cabeça e grita que aqueles animais, ao mudarem de sítio, puseram-lhe a casa de telhado para o chão. Naquela histeria, resolve ir viver para o telhado, porque não quer continuar na pocilga, com o porco. A vida no telhado é difícil, os móveis não se aguentam, escorregam por ali abaixo; e o vento também não ajuda... É preciso vir o galo esclarecer toda a situação. O que se passou não foi uma revolução mas sim algumas mudanças temporárias que permitiram aos animais melhorar a sua vida, pois todos eles conseguem resolver os seus problemas: o porco encontra o creme que lhe cura a alergia; a formiga trava conhecimento com uma mosca que a ajuda a levantar-se da queda; o pardal bebe o sumo de uma laranja, livrando-se assim da constipação. E até a velha, atarantada, resolve descer do telhado, vendo que já não há porco na casa de banho e que, aparentemente, tudo voltou a ser como era antigamente.»

Sinopse de “Uma casa de telhado para o chão”.

- “Os quatro medos do ouriço-cacheiro” (2006)



Texto, encenação, interpretação e conceção cenográfica: Isabel Fernandes Pinto. Figurinos e Adereços: Ana Abelha. Execução de Cenário: António Grave. Apresentação na livraria Entrelinhas, São João da Madeira.

“Os quatro medos do ouriço-cacheiro” era um espetáculo dirigido a crianças do ensino pré-escolar. As temáticas abordadas eram o medo e as estações do ano. Havia uma interatividade teatral, em que as crianças representavam algumas das personagens, contracenando com os adereços e o cenário do espetáculo.

«Joãozinho, um menino obediente e bem-educado, encontra um ouriço-cacheiro mal-humorado que lhe espeta quatro espinhos mágicos. Ao arrancar cada espinho, os dias transformam-se. Um sol imenso surge no horizonte, uma chuvada forte cai, uma ventania gelada se levanta, uma flor bonita desponta. São as quatro estações do ano que trazem consigo quatro aventuras, quatro medos para vencer. Uma Árvore, amiga que sempre o acompanha, ajuda Joãozinho e este vence todos os medos, até descobrir que, afinal, havia um segredo para desvendar... Quem seria o ouriço-cacheiro?»

Sinopse de “Os quatro medos do ouriço-cacheiro”.

- “Contos com contas” (2006, continua em circulação)



Texto, encenação e conceção cenográfica: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto e Maria João Mata. Execução de cenário: António Grave. Figurinos e Adereços: Ana Abelha. Apoio pedagógico e produção de conteúdos didáticos: Dárida Fernandes.
Apresentações realizadas nos empreendimentos de habitação social, no contexto do Projeto Divertir com o Saber, Vila Nova de Gaia.

O espetáculo “Contos com contas” foi concebido a partir de três contos tradicionais portugueses, criando situações teatrais em que o público é conduzido a resolver problemas de matemática para fazer avançar a narrativa. O espetáculo é dirigido aos alunos do primeiro ciclo e existe um conjunto de problemas de matemática derivados das histórias desenvolvido sob a supervisão da Professora Dra. Dárida Fernandes. Para além dos estabelecimentos escolares, este espetáculo foi alvo de comunicações no IWE2009_6TH International Week of ESEC, na ProfMat'09 e no Encontro “Pedagogia 2011 – Encuentro por la unidad de los educadores” promovido pela Universidade de Havana, em Cuba, 2011. Foi também publicado o artigo “Contos com contas no projeto Divertir com o Saber” na Revista Educação Matemática (ver ANEXO 5).

«Contos com contas é uma peça de teatro interativa baseada na exploração de aprendizagens matemáticas em contos tradicionais portugueses escolhidos e adaptados de acordo com objetivos pedagógicos. Vocacionada para o público infantil do primeiro e segundo ciclos do ensino básico, este trabalho decorre da convicção de que o teatro e a cultura popular constituem instrumentos significativos de aprendizagem já validados pela tradição e a experiência.

A peça é apresentada em estreita interatividade com as crianças da assistência, onde as mesmas são envolvidas na interpretação de algumas personagens do jogo teatral e, resolvendo problemas matemáticos, fazem a história avançar.»

Sinopse da peça “Contos com contas”.

- “A viagem de Amsel” (2007)



Texto, encenação, interpretação e conceção cenográfica: Isabel Fernandes Pinto. Figurinos e Adereços: Ana Abelha. Execução de Cenário: António Grave.

O espetáculo “A viagem de Amsel” era dirigido a crianças do ensino pré-escolar e abordava as temáticas da solidão e do valor da amizade. A narrativa era inspirada nos contos de fadas, em que o protagonista luta para superar as dificuldades e encontra finalmente um desfecho feliz. Havia uma interatividade teatral em que as crianças representavam algumas das personagens, contracenando com os adereços e o cenário do espetáculo.

«Esta é a história de um lesma feia enrugada e viscosa que foi muito feliz, até se separar do pai. Fica sem casa e ninguém tem tempo para lhe dar. A formiga anda muito apressada, a gata é demasiado vaidosa e o pássaro está concentrado apenas na tarefa de fazer o seu ninho. Só o próprio eco a escuta e lhe responde. Mas um saco de plástico vem trazer-lhe as palavras do pai... É então que ela encontra alguém que também está só, o búzio. A lesma e o búzio juntos formam um novo animal feliz... Qual?»

Sinopse de “A viagem de Amsel”

- “O piquenique de D. Porca” (2007, continua em circulação)



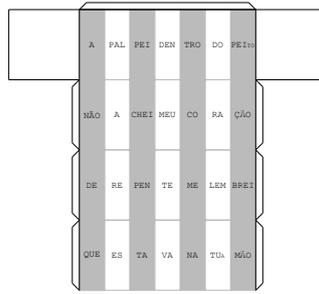
Texto, encenação, conceção cenográfica: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto e Maria João Mata ou Sofia Lemos. Dispositivo Cénico: Victor Valente. Figurinos: Tucha Martins. Apresentação no JI de Boucinha, Gondomar.

“O piquenique de D. Porca” é um espetáculo sobre alimentação saudável dirigido a crianças em idade pré-escolar e alunos do primeiro ciclo. O espetáculo continua disponível para digressão, por todo o país.

«Dentro de uma mesa que é uma quinta moram animais feitos de louças e talheres. O homem e a mulher que lá viviam foram-se embora, mas há um rapazito cheio de fome que vem, de vez em quando, bater à aldraba da quinta. É então que Dona Porca, fidalga honrada dos ares campestres, toma a liderança dos restantes campestres – o gato descuidado, as galinhas enervadas, a vaca vaidosa, o burro preguiçoso e o boi mandão – e, todos juntos, sem a ajuda dos donos ausentes, vão dar ao rapaz o que ele tanto pedia: o bolo com muita tatinha!»

Sinopse do espetáculo “O piquenique de D. Porca”.

- “O Pirata Versejador” (2008)



Texto, encenação e interpretação: Isabel Fernandes Pinto. O “prisma-poema”.

“O Pirata Versejador” é um espetáculo construído sob a premissa de que o jogo poético pode ser lúdico e imaginativo, decorrendo de um estado de espanto perante a realidade, mas também da musicalidade de que as palavras são compostas. Esta personagem peculiar procura sem cessar a beleza escondida nas coisas simples; explica sem explicar o que são metáforas; põe a assistência a dançar e a ouvir a musicalidade das letras, dos sons e das ideias. No assalto à escola em busca da poesia, ele vai encontrando poemas – que lê em voz alta para a assistência – enquanto narra a sua história tragicómica. No final, ele encontra o prisma-poema dividido em sete sílabas: a quadra popular.

«O Pirata Versejador toma de assalto a ilha da escola! Na sua ganância de riqueza fácil, procura determinantemente o mapa de um alegado tesouro que ele ouvira dizer que, se calhar e muito provavelmente... estaria escondido algures pela ilha. Nas brechas da sua crueldade, aparece por vezes um coração sensível que gosta acima de tudo de poesia. De tão sério, torna-se ridículo, de tão mau, torna-se frágil, de tão perseverante, torna-se esquivo. Afinal, o pirata maldoso é um rapaz, também, com dias bons e maus. Será que vai encontrar ajuda para descobrir o seu tesouro?»

Sessão de “Poesincar”: apresentação de vários poemas de autores portugueses num contexto de atividades dramáticas interativas com as crianças da assistência.»

Sinopse da peça “O Pirata Versejador”.

- “Heróis pequeninos” (2009, continua em circulação)



Texto, encenação e dispositivo cénico: Isabel Fernandes Pinto. Figurino: Tucha Martins. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto ou Maria João Mata.

Apresentações (da esquerda para a direita) em Serralves (celeiro da quinta) e num JI público.

O espetáculo “Heróis pequeninos” é um espetáculo de contador de histórias e manipulação de objetos dirigido às crianças em idade pré-escolar e aos alunos de primeiro ciclo, versando sobre as boas práticas ambientais.

«Era uma vez uma casa muito grande, onde moravam cinco animais pequeninos: o pássaro, a aranha, a mosca, o rato e o sapo. Aquela casa era grande e bonita. Mas, um dia, foi para lá viver o Senhor Desperdício Bota-Fora, um homem que vestia sempre um fato cinzento muito feio e costumava dizer “Não me interessa, não quero saber”. O Senhor Desperdício Bota-Fora também gostava de deitar abaixo as árvores, desperdiçar água e luz, deitar o lixo fora todo junto e despejar as águas sujas de sua casa diretamente no rio, sem qualquer tratamento.

Os cinco animais que lá moravam, vendo a sua casa bonita ameaçada, puseram-se logo em ação. O pássaro defendeu a árvore e não deixou que fosse derrubada, a aranha fez uma teia na banheira para que o senhor tomasse banho de chuveiro e assim poupasse água, a mosca azucrinou-lhe a cabeça para que ele não saísse sem desligar a luz, o sapo arrumou o lixo nos vários compartimentos da sua casa aseada chamada “Ecoponto” e o sapo fez do chapéu do senhor um filtro para limpar as águas sujas e despoluir o ribeiro, imitando uma pequena ETAR.

Então, o Senhor Desperdício, zangado e derrotado, foi-se embora e a casa grande continuou bonita, por causa dos feitos heroicos desses animais pequeninos, cinco como os dedos das nossas mãos.»

Sinopse da peça “Heróis pequeninos”.

- “Dividir para reinar” (2009, continua em circulação)



Texto, encenação e dispositivo cénico: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto e Maria João Mata.
Figurinos: Tucha Martins.
Apresentação na EB1 de Terras de Bouro.

O espetáculo “Dividir para reinar” debruça-se sobre a temática ambiental, acrescentando uma reflexão sobre os desafios que estão implicados no ato de gestão da coisa pública. Como governar se não formos capazes de tomar decisões? Quais as consequências das decisões não tomadas? O espetáculo é dirigido aos alunos de 1º e 2º ciclos. Em programação paralela, foram realizadas oficinas de construção de instrumentos musicais com desperdícios, na sequência da apresentação do espetáculo.

Uma peça de contadoras de histórias que brincam com esfregonas, copos de iogurte, toucas de banho e outros objetos insólitos para criarem um reino pronto a ser habitado pelos alunos de uma escola, os visitantes de um teatro ou outros passageiros de possíveis espaços teatrais. Contam-se e cantam-se as regras da ecologia, enquanto se constrói a metáfora de um país onde a preguiça e a inconsciência reinam. A solução para os problemas do reino é levada a cabo por todos: sob a orientação do Rei e do Primeiro-Ministro,

todos os súbditos irão aprender a reutilizar materiais para construir coisas novas.

Era uma vez um rei que não sabia reinar. Ele só sabia que não sabia de nada. O Primeiro-Ministro bem tentava que ele tomasse alguma decisão, mas o rei... nada. Só sabia pensar. E, de tanto refletir no seu trono, a cabeça inchava-lhe, o que fazia com que estivesse sempre a mudar de coroa, em frente ao seu espelho real. Naquele reino estagnado, só os fazedores de coroas lucravam. A inércia do soberano era agravada pela crise agrícola que se fazia sentir, pelo que não era produzido alimento algum naquela terra. Toda a população se alimentava dos produtos guardados na grande despensa real, que tinha sido construída pelo avô do rei exatamente para aquele fim: alimentar os súbditos durante os anos de crise. Esses alimentos estavam cuidadosamente embalados e os súbditos, esfomeados, comiam e deitavam o resto para o lixo. Ou seja, por aí. Porque aquele rei pensativo nem sequer tinha ditado uma lei para a ação de recolha do lixo. Mas não se poderia viver eternamente naquela situação. O Primeiro-Ministro, súbdito fiel que sabia servir o seu povo, assistia à preguiça do soberano e, sub-repticiamente, tentava mudar o estado de coisas, tarefa árdua. Foi necessário chamar o Sábio-Que-Tudo-Sabe-Apesar-de-Ter-Dúvidas para convencer o soberano da necessidade imperativa de agir. Começando por separar o lixo que estava espalhado por todo o país, foi possível organizá-lo, transformá-lo em coisas úteis e recuperar a economia nacional. Então, finalmente iluminado por vontade e coragem, o rei agiu. Aquele soberano, que nunca ninguém vira fora das fronteiras do seu palácio real, desceu à rua para trabalhar com o seu povo.

Sinopse da peça “Dividir para reinar”.

2010 – 2014 – “Fios de tempo”

O ano de 2010 representou uma viragem no Projeto Faunas e no meu trabalho enquanto criadora. Por um lado, houve uma colaboração com a coreógrafa Andrea Gabilondo que deixou uma marca indelével na evolução da minha linguagem corporal e no desenho de movimento, o que passou a ser um elemento fundamental na encenação de cada espetáculo. Por outro lado, o músico e realizador Joaquim Pavão passou a integrar a equipa permanente do projeto, acrescentando a composição musical e a imagem como elementos que passaram a ser essenciais, alavancando a qualidade estética das obras. A Mónica Pais, soprano lírico e professora de canto, foi também um elemento-chave neste momento de charneira, mostrando-me o caminho para aprofundar o conhecimento sobre o uso e a mecânica da voz, o que teve consequências significativas na minha prática enquanto atriz.

Entre 2010 e 2014 desenvolvemos o projeto “Fios de tempo”, para o qual escrevi quatro contos: “A história do pescador que deixou o coração atrás da porta e dos peixes que choveram”, “Fiandeira”, “Minérios” e “Moenda”. Destes, foram encenados e continuam em digressão apenas os primeiros três. Nesta nova etapa do Projeto Faunas, a vocação pedagógica de cada espetáculo deu lugar a uma nova vocação: dar passagem ao conhecimento de pessoas anónimas sobre atividades económicas em grande transformação. Nesse sentido, para cada conto e espetáculo fizemos uma pesquisa junto de pessoas que guardam em si um conjunto de

memórias e de sabedoria acerca das profissões seguintes: a pesca, a fiação, a extração mineira e a moagem de cereal.

O projeto “Fios de Tempo” foi retratado no documentário “Threads of time”, que venceu o Prémio Avanca Melhor Documentário 2012 e foi apresentado no festival Fanatika 2013, na Índia.



Dois fotogramas do filme “Fios de tempo”, na esquerda: Isabel Fernandes Pinto, Andrea Gabilondo e Joaquim Pavão.

O documentário pode ser visto aqui: <https://vimeo.com/57514735> (palavra-passe: faunas)

Esta é também uma fase de internacionalização do projeto. Em 2013 participamos no Fringe do Festival de Teatro de Curitiba, com oito apresentações de dois espetáculos – “Histórias de animais para outros que tais” e “Fiandeira | olhos nos dedos | lã lã lã” – e levamos este último ao Departamento de Teatro da Universidade de São Paulo.

Estes espetáculos ganharam uma outra abrangência de público e conteúdos, extravasando o âmbito pedagógico estrito dos outros. Assim, os espetáculos “Fios de tempo” foram apresentados nos estabelecimentos de ensino, mas não só, tendo circulado por várias salas de teatro do país e tendo sido convidados para Encontros de Educação, Festivais e outros eventos, tais como: Festa na Baixa, CNC, Porto; Festa do Outono, Serralves, Porto; Encontros Educarte; Casa das Histórias, Cascais; Espaço Animarte, Seixal; Centro Cultural da Praia de Mira; Espaço La Marmita; Auditório da Quinta da Caverneira; Espaço Panmixia; Lagar com Tempo; Festa do Cordeiro, Monção; Feira das Colheitas, Arouca; Teatro Sá de Miranda, Viana do Castelo; Teatro da Malaposta; Casa da Cultura de Idanha-a-Nova; Teatro Municipal de Vila Real; Festival dos Modos Nascem Coisas; Museu Nacional de Soares dos Reis; entre outros.

As três peças foram gravadas para a Antena2 e podem ser escutadas seguindo as ligações que se seguem:

<https://www.rtp.pt/play/palco/p305/e99391/teatro-sem-fios> (“A história do pescador...”)

<https://www.rtp.pt/play/palco/p305/e77777/teatro-sem-fios> (“Fiandeira”)

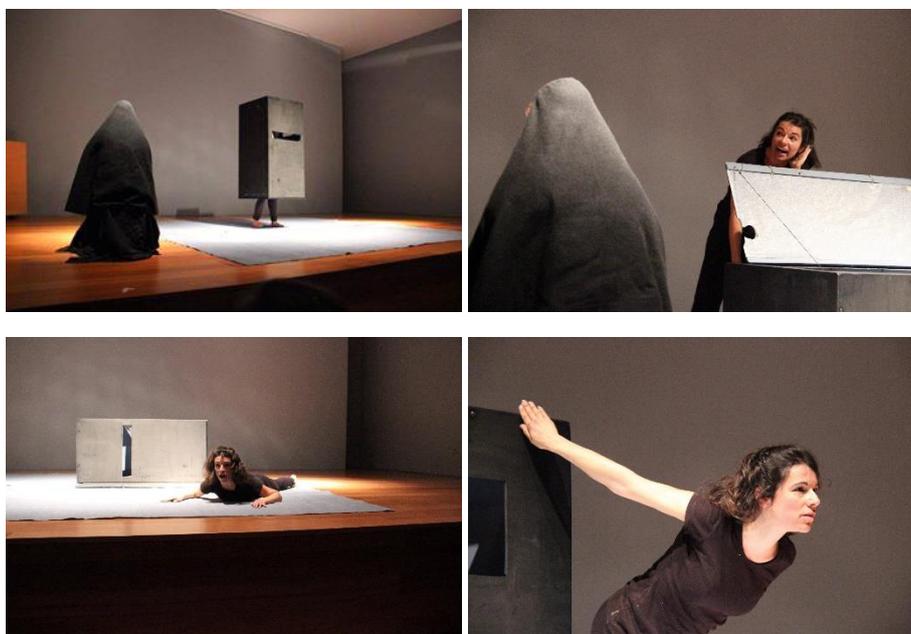
<https://www.rtp.pt/play/palco/p305/e136677/teatro-sem-fios> (“Minérios”)

No ano 2012, realizamos a digressão “Estórias ao fim do Estio” com o espetáculo “Fiandeira | olhos nos dedos | lã lã lã”, com apoio à digressão da GDA – Gestão de Direitos dos Artistas, em que apresentamos este espetáculo nas seguintes salas e espaços: Oficina de Teatro – Teatrão, Coimbra; Cineteatro Sousa Telles, Ourique; Centro Cultural John dos Passos, Porta do Sol, Madeira; Anfiteatro da Mina de S. Domingos, Mértola; Cineteatro São Vicente, Seixal; Capela do Castelo de Viana do Alentejo. Era nossa intenção tornar esta digressão anual, para os meses de julho, agosto e setembro, a implementar em locais de veraneio e dirigida a famílias e público em férias. Porém, esta iniciativa não teve continuidade por falta de apoio financeiro para os anos seguintes.



Folheto de divulgação da digressão “Estórias ao fim do Estio”, com o espetáculo “Fiandeira”.

- “A história do pescador que deixou o coração atrás da porta e dos peixes que choveram” (2010, continua em circulação)



Texto: Isabel Fernandes Pinto. Encenação: Isabel Fernandes Pinto, Andrea Gabilondo e Maria Mata. Composição Musical: Joaquim Pavão. Intérprete: Isabel Fernandes Pinto ou Maria João Mata. Soprano: Eva Braga Simões ou Mónica Pais. Execução Cenográfica: Américo Castanheira (“Tudo Faço”).
 Capa do teaser; Registo fotográfico da apresentação na Casa das Histórias Paula Rego, (créditos: João Lima) 2014.

O teaser do espetáculo pode ser visto aqui: <https://vimeo.com/433889212>

Este espetáculo estreou em dezembro/2010 no Espaço La Marmita (Vila Nova de Gaia), numa versão sem canto lírico e, em 2014, na Casa das Histórias Paula Rego (Cascais), a versão integral. Este espetáculo marcou uma viragem no meu processo criativo, tendo sido a primeira colaboração com Andrea Gabilondo e Joaquim Pavão. A encenação foi realizada entre mim, a Andrea e a Maria João Mata, que também apresentou este espetáculo, numa primeira fase. O texto, da minha autoria, foi baseado numa pesquisa realizada junto de pescadores da Praia da Aguda.

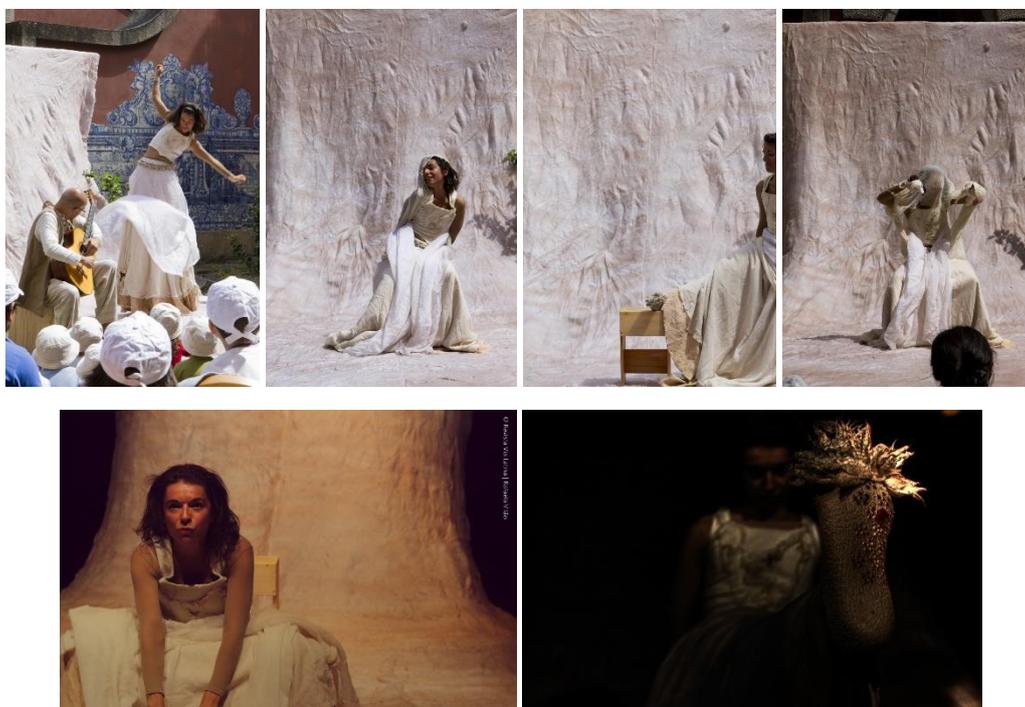
A história acontece através de uma caixa que se transforma, onde mãos, pés, cabelos, braços, cotovelos falam e dançam, enquanto uma voz etérea, longínqua mas presente, chora e exalta a saga do Homem que conquista o Mar.

Um Homem olhou para o Mar e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Uma onda veio buscá-las e disse-lhe: “Os fundos do mar estão cheios de peixes, o grande mar irá dar-tos, para alimentares os teus filhos. Em troca, a tua companheira virá dar-me as suas lágrimas, sempre que fores ao mar.”

Assim começa a saga do Homem que aprende a pescar. Ele constrói um peixe de madeira, faz uma asa de pano, cria duas barbatanas de pau e vai pescar. Conhece uma Raia, um Tamboril e um Linguado que jogam cartas, um cardume de Sardinhas beatas, um Tubarão ensonado, uma Tremelga elétrica, um Rei Polvo e um Mexoalho lacaio. É julgado no Concílio dos Peixes e salvo pela Gaivota que, do alto dos céus, tudo vê.

Sinopse da peça “A história do pescador que deixou o coração atrás da porta e dos peixes que choveram”.

- “Fiandeira | olhos nos dedos | lã lã lã” (2012, continua em circulação)



Texto: Isabel Fernandes Pinto. Encenação: Isabel Fernandes Pinto e Andrea Gabilondo. Composição Musical: Joaquim Pavão. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto (atriz) e Joaquim Pavão (guitarra). Figurinos: Tucha Martins. Execução Cenográfica: Américo Castanheira (“Tudo Faço”) e José Pinto.

Em cima: Apresentação de “Fiandeira” no MNSR, Festa na Baixa, Porto (créditos: Marta Ferreira). Em baixo: apresentação de “Fiandeira” no Teatrão, Coimbra (créditos: Rafaela Vilão); no Espaço La Marmita, Vila Nova de Gaia (créditos: Joaquim Pavão).

Excerto do espetáculo “Fiandeira” pode ser visto aqui: <https://vimeo.com/43553024>

O espetáculo “Fiandeira | olhos nos dedos | lã lã lã” foi o segundo que encenei em conjunto com Andrea Gabilondo. Partimos de um elemento físico de onde são geradas todas as imagens e sugestões: uma saia longa, de várias camadas com diferentes tecidos. Dessa saia emergem personagens, nuvens, orvalho, lã, monte, rebanho, cães de guarda... O cenário consiste num manto de lã/neve (feito de pasta de acrílico) que faz um contínuo entre pano de chão e pano de fundo. Ao centro, um banco e a montanha/fuso/fiandeira sobre ele.

Este espetáculo estreou no espaço La Marmita e correu várias regiões do país, desde Chaves a Ourique, Madeira e Brasil. Do processo de escrita de “Fiandeira”, emergiu um outro conto, denominado “A ovelha que fazia múuu”, que foi publicado pela Porto Editora em 2012. Desde então, tenho percorrido vários estabelecimentos de ensino do país para apresentar esse livro, com a equipa da Porto Editora.

Era uma vez uma fiandeira que era uma montanha que girava e tudo via.

Era uma vez gotas de água que subiam e desciam devagar, transformando-se em nuvens e em orvalho.

Era uma vez uma ovelha baledora lírica que, contra a impassibilidade de um rebanho, a atrabile de uma ovelha-mor, o diz-que-disse de dois cães moucos e a tesoura friorenta de um tosquiador, baliu até escorraçar o abocanhador lobo para outras paragens.

Era uma vez dois cães que viviam a comentar a vida das ovelhas.

Era uma vez uma ovelha que foi ao cabeleireiro e pintou o seu belo velo de cor-de-rosa.

Era uma vez uma ovelha-mor que trocou uma marcha por canções líricas.

Era uma vez um rebanho que descobriu que era mais importante do que aquilo que pensava.

Era uma vez um abocanhador lobo que tinha medo de balidos líricos.

Era uma vez a mecha que se tornou fio e casaco para aquecer uma ovelha que doou a sua lã mas não queria perder a sua voz.

Era uma vez um fuso a girar entre os dedos.

Sinopse da peça “Fiandeira | olhos nos dedos | lã lã lã”.

- “Minérios” (2013, continua em circulação)



Texto, encenação e interpretação: Isabel Fernandes Pinto. Composição Musical, vídeo e fotografia: Joaquim Pavão. Cenário: Isabel Fernandes Pinto e Joaquim Pavão. Costureira: Aida Fernandes. Design: Suzana Nobre. Fotos de ensaio. Dispositivo cénico (montado no auditório do Centro Cultural Raiano, Idanha-a-nova).



Em cima: Cartaz do espetáculo para as apresentações no Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto; Cartaz do espetáculo para as apresentações no Teatrão – Oficina Municipal do Teatro, Coimbra. Em baixo: Cartaz da exposição “Onde o céu é a terra que pisamos”, no Museu do Ferro, Torre de Moncorvo.

O espetáculo “Minérios” derivou de uma extensa pesquisa pelas minas portuguesas, em parceria com o Roteiro de Minas e Pontos de Interesse Geológico em Portugal. Visitamos o Fojo das Pombas (Valongo); o Museu e as minas de Ferro, em Torre de Moncorvo; a mina da Panasqueira (esta mina está em laboração e nós tivemos a oportunidade de descer, conhecê-la por dentro, ver alguns mineiros a trabalhar e conversar com algumas pessoas ligadas à mina); o Centro de Ciência Viva do Lousal; a Mina de São Domingos; o bairro mineiro de Aljustrel; e a Mina de São Pedro da Cova. Em programação paralela ao espetáculo, lançamos e apresentamos uma exposição ambulante de fotografia e vídeo elaborados a partir da nossa pesquisa: “Onde o céu é a terra que pisamos”. Esta exposição teve um apoio financeiro da DRCN. A estreia foi levada a cabo no Museu Nacional de Soares dos Reis e contou com um painel/debate de abertura sobre a extração mineira em Portugal, realizado com várias das pessoas que auxiliaram na pesquisa que realizamos a nível nacional e que são agentes profissionais da atividade de extração mineira em Portugal.

Tal como no espetáculo “Fiandeira”, a encenação parte do trabalho de ator com um único elemento: a imagem projetada. Todas as personagens e situações são moldadas através da luz e dos desenhos de sombra projetada no rosto, no corpo e na tela inclinada que forma o fundo de cena.

MINÉRIOS é um espetáculo para contador de histórias e imagem projetada. O corpo, a luz, as texturas e as formas unem-se para criar uma experiência narrativa e sensorial que evoca as memórias mineiras. O público é convidado a entrar numa evocação ao espaço mineiro onde a imaginação abre janelas. Uma estória sobre os modos como os sonhos coletivos de uma sociedade

industrializada se refletem nas vontades individuais postas em marcha através do motor humano: amor.

A dramaturgia é construída a partir da pesquisa em minas portuguesas e da partilha de conhecimentos e vivências de mineiros e suas famílias. Viajamos desde as minas romanas de Castromil, onde o ouro deu nome ao rio, até S. Domingos, precioso testemunho industrial, passando pelo ferro de Moncorvo, o carvão de S. Pedro da Cova e a pirite do Lousal.

O malacate, a jaula, a anotadoria, o búzio, esses minérios idiossincráticos que recolhemos perseguindo o filão da memória, reúnem-se nesta mina evocativa. De ausência a ausência, a estória da mina é miragem: o estrangeiro que chega, a comunidade que escava e constrói a casa, a escola, o hospital, as estradas e o minério que segue para a indústria transformadora até acabar. Algo permanece?

Sinopse da peça “Minérios”.

2015 – 2020

Em 2015 iniciou uma nova fase na minha vida pessoal e profissional. Compreendi que, se entre 2005 e 2010 eu criava uma média de duas peças por ano, normalmente vocacionadas para diferentes faixas etárias (jardim-de-infância, primeiro ciclo e/ou segundo e terceiro ciclos), com os “Fios de tempo” a fase de criação tornara-se mais extensa e exigente. Os espetáculos assim o pediam. Também o necessário virtuosismo da interpretação exigia muito trabalho. Desde logo, o estudo contínuo e aprofundado da voz foi algo que marcou e marca o meu treino quotidiano enquanto atriz e a evolução que busco no meu ofício. Por outro lado, também no controlo e na depuração do movimento estes espetáculos eram mais exigentes. Assim, para qualquer um dos “Fios de tempo”, a fase de ensaios nunca terminou na estreia, mas manteve-se como exercício de manutenção e, sempre que havia agendamento de novos espetáculos, exercício de depuração e melhoramento.

Em 2015, eu era uma trabalhadora do teatro muito exigente no meu ofício e, talvez por isso, quando me entreguei à missão de ser mãe, em fevereiro, deixei de ser capaz de conciliar a dedicação exigida a duas missões tão importantes e absorventes e não fui capaz de criar um espetáculo novo durante dois anos, até novembro/2017, altura em que estreei, com a Sofia Lemos e o Joaquim Pavão, o espetáculo “Nascer”, com texto e encenação minha. Antes disso, tinha escrito e encenado “Azucrinadores”, interpretado por Maria João Mata em janeiro/2015, peça que eu vim a interpretar posteriormente, em 2019.

O lançamento do livro “Padaria” e a criação das oficinas de exploração criativa “Ensaia a Vida” foram também duas vertentes que caracterizaram este período mais recente, apontando caminhos que penso vir a desenvolver, ampliando a exploração de diferentes ferramentas pedagógicas que a prática teatral pode fornecer, entendida de uma forma lata.

Algo que também preencheu consideravelmente o meu tempo de trabalho, nesta fase, foi a resposta a várias encomendas que surgiram para a criação de intervenções teatrais de rua, oficinas artísticas e espetáculos. Dessas encomendas, apenas dois trabalhos – “Clarinha e a fonte de tempo” e “Contos em tons de azul” se enquadram no eixo central das propostas do Projeto Faunas, uma vez que se dirigem especificamente aos públicos escolares. Todos estes desafios – lançados por várias entidades, como a LIPOR, o Centro de Educação Ambiental de Esposende, o

Projeto Cidade+, a Resíduos do Nordeste, etc. – desaguaram numa temática comum: a Educação Ambiental, dirigida a todos os públicos.

- “Azucrinadores” (2015, continua em circulação)



Texto, encenação e dispositivo cénico: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto ou Maria João Mata. Desenhos: Suzana Nobre. Em cima: apresentação no CSP de Santíssimo Sacramento, Porto. Em baixo: painéis-guia para discussão filosófica, desenhados por Suzana Nobre.

Esta peça parte do pressuposto aristotélico de que a capacidade humana para nos espantarmos e admirarmos com a realidade pode constituir o necessário primeiro passo na direção do conhecimento. No final do espetáculo, há uma conversa com a assistência, guiada por uma série de ilustrações de Suzana Nobre (autora, também, do nosso logótipo), em que são seguidos os pressupostos da filosofia para crianças, procurando valorizar a opinião e as leituras do público e estimular a discussão sobre as questões que surgem após a fruição da peça. O espetáculo é dirigido a alunos do primeiro ciclo. O trabalho de interpretação e de encenação parte de um elemento único para criar todas as imagens da história: um oleado de 5mX5m, preto de um lado e verde do outro, com uma abertura no centro, que permite a modelação de diferentes formas.

«Entre o parecer e o ser, entre a brincadeira e a aprendizagem, entre o pensamento e o sentimento, esta estória conta a história de muitos de nós, humanos, famintos de conhecimento e de beleza. A beleza não alimenta? Pelo menos alimenta um verbo reflexivo: ESPANTAR-SE. Quando me espanto abro a porta da minha curiosidade, dou o primeiro passo no caminho do conhecimento. Este Lobo de grande focinho e pouca barriga, coitado, não é voraz como os outros. Apesar de Focinhudo e, por isso, honrado por todos, ele não segue na voragem. Quer antes parar o tempo para contemplar, pasmear e aprender. É um mistério para os outros, que não têm tempo para desvendar mistérios. Por isso, isola-se, caminha sozinho até encontrar um amigo. O Mosquito, também azucrinador mas menos triste, mais

alegremente conformado com a sua condição, passa a ser o companheiro incondicional de todos os momentos. Juntos tentam contagiar outros animais dessa alegria pelo espanto, a aprendizagem e a partilha de pontos de vista. Mas o medo grassa na floresta. Um verbo impera: DEVORAR. Será que, para lá da voragem, os Azucrinadores vão conseguir espalhar a sua amizade?»

Sinopse da peça “Azucrinadores”.

- “Padaria” (livro, 2016, continua em circulação como “hora do conto”)



Livro da autoria de Isabel Fernandes Pinto. Associação Cultural Fugir do Medo, 2016.

Em cima: apresentação do livro na Casa do Menino Deus, Barcelos; apresentação na EB1 de Susão, Valongo. Em baixo: apresentação na Biblioteca Municipal de Sousela.

“Padaria” é o primeiro de um conjunto de contos que pretendo continuar a lançar, intitulado “Espaços comuns, percursos singulares”. Trata-se de um gesto onde pretendo desgarrar-me dos conteúdos pedagógicos uniformizados e centrar-me num exercício que me parece fundamental para a formação de cidadãos conscientes e participativos na vida pública: a fruição. A capacidade de fruir acompanha a capacidade de nos admirarmos. Fruir é, também, ser público no que esse ser tem de mais genuíno: a capacidade de nos incluirmos, de mergulharmos, de nos identificarmos e de nos sujarmos nesse mundo imaginário, mas também a capacidade de o observarmos, de pensarmos sobre o mesmo, de tomarmos decisões, de formularmos juízos e espírito crítico. Em suma, fruir, tal como criar, é, para mim, uma ação muito semelhante ao brincar. Quando uma criança brinca, aceita um sistema de regras para entrar num determinado padrão de funcionamento, mas, depois de terminado o jogo, ela consegue pensar sobre o mesmo, questionar as regras que ela própria aceitou e, se necessário, reelaborar novamente o jogo. Na minha forma de ver o teatro, na minha forma de criar e de trabalhar, isto é fundamental. Um ator, um fazedor de teatro, tem que estar nesse dentro e fora em simultâneo, nesse fio de navalha. Não concebo o teatro num estrito modelo épico, dirigido apenas ao intelecto; como não concebo o teatro num estrito modelo catártico, dirigido apenas às emoções. Depois da ciência nos dizer que “sem corpo, não há mente” (DAMÁSIO: A estranha ordem das

coisas, p. 99), seria estranho abordarmos o fenômeno teatral esquartejando a complexidade do seu funcionamento orgânico.

«Sobre o livro:

"Padaria é uma palavra. Uma palavra é uma forma. Na forma, verte-se a massa e coze-se o pão."

É assim que começa o livro "Padaria", o primeiro do volume da coleção "Espaços comuns | Percursos singulares", dirigido a jardim-de-infância e primeiro ciclo. Esta é uma história sem história, é um unir de fios de histórias que se faz na memória e imaginação de quem habita um espaço banal e tão rico de vivências: a padaria. Confesso-vos: esta história, às vezes, assusta-me a mim própria. Porque, formatados nos objetivos e metas a alcançar, esquecemos muitas vezes de parar e olhar, esquecemos muitas vezes que a vida não é uma corrida. É exatamente isso que este livro e os livros que se seguirão desta coleção propõem: parar e olhar. Talvez sonhar também. O que é facto, da experiência de contar a história nas escolas, é que as crianças sonham, abraçam o livro, sorvem os momentos, aprendem a valorizar a simplicidade das coisas. Mais: talvez aprendam, talvez me ensinem (porque eu própria, autora, tenho muitas dúvidas e sei quase nada) que as coisas não se esgotam nunca no que parecem nem no propósito para que servem, as coisas são óculos para ver outras coisas, essas coisas imensas e secretas que são a imaginação e o futuro. Fazem-me lembrar Italo Calvino, em "As Cidades Invisíveis": "Os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas." As crianças sabem. E quando nos sentamos com elas e começamos a contar ou a fazer teatro, as crianças sabem se nós estamos lá ou não (isso tenho aprendido com elas, ao longo desta dúzia de anos). Estar lá, com elas, demorarmo-nos no olhar, é dar-lhes o exemplo, é ensiná-las a ver, é talvez a forma mais efetiva de lhes mostrar o sinónimo da palavra "atenção".

E, já agora, confesso-vos outra coisa: Aquelas três primeiras frases do livro, estive para as retirar do texto imensas vezes. Achava-as demasiado poéticas, demasiado codificadas. Ainda bem que não as retirei. Tive a certeza disso quando uma educadora me contou que crianças do jardim-de-infância, no dia seguinte a terem escutado a história, repetiam estas frases. Pois claro. Muito obrigada. Mas haverá alguém que compreenda melhor a poesia do que as crianças?

Sinopse:

Todas as manhãs a padaria enche-se de pessoas que comem o seu pão antes de irem trabalhar. O trabalho do padeiro não é fácil: há que descobrir os tempos e temperaturas de cada receita; há que ter tento nas investidas dos pães tigre, das baguetes, dos bicos de pato e de outras massas lêvedas cozendo no mesmo forno; há que cuidar do fermento e suas bactérias invisíveis como ideias viajantes.

Quando o pão é comido, vários trabalhos são feitos no sistema digestivo que existe dentro do corpo para transformar o pão em energia – a energia que as pessoas usam nos seus trabalhos. É por isso que o trabalho do padeiro é tão importante: sem pão, como poderiam as pessoas trabalhar?

O trabalho é como o pão: uma espécie de união. E tu? Que trabalho gostarias de fazer? Olha, lá vão as tuas ideias a viajar...

A coleção “espaços comuns | percursos singulares”:

“Padaria” é uma história sem início nem fim. “Padaria” é um passeio. Um passeio pelas ideias, as sensações, os sonhos, as palavras, as imagens, os cheiros e cheirinhos. Atamos as ideias umas às outras porque no espaço mais pequeno cabe o mundo todo. E pensamos. E fruímos.

O verbo “fruir”, livre do prefixo habitual “uso” é intimamente conhecido das crianças. É o fruir que esta coleção “espaços comuns | percursos singulares” quer estimular nos mais jovens, para que sejam adultos mais atentos e criativos.»

Textos de apresentação do livro “Padaria”.

- “Nascer” e “Nascer – primeira infância” (2017, continua em circulação)



Texto, encenação e conceção cénica: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto e Sofia Lemos. Composição Musical e Guitarra: Joaquim Pavão. Figurinos: Tucha Martins. Desenho de luz: José Oliveira. Execução de cenários: Gonçalo Lima e Américo Castanheira. Apoio à conceção plástica e desenhos: Atelier Fernanda Santos. Em cima: cartaz e imagem de divulgação de “nascer”. Em baixo: Apresentações em Serralves, Porto; no Cineteatro São Vicente, Seixal; no CSP Santíssimo Sacramento, Porto; no CSP de Corim, Maia.

O espetáculo "Nascer" tem duas versões: "Nascer - primeira infância" (dirigido a bebés e famílias) e "Nascer" (versão integral, > 3 anos). A encenação foi construída através de um conjunto de caixas que se encaixam umas nas outras, à semelhança do brinquedo infantil conhecido. Essas caixas, no processo de ensaios e de criação, foram exploradas de forma a potenciar a sua capacidade simbólica, tornando-se metáfora-brinquedo na semântica da imaginação. Assim, ao longo do espetáculo, as caixas tomam funções de cenário, adereço, máscara e marioneta. Longe de imitar as crianças nos efeitos das suas brincadeiras genuínas (que são só delas e se tornam ridículas quando imitadas), fomos buscar os princípios do brincar para (re)aprendermos a criar.

«“Nascer” é um espetáculo baseado numa pesquisa e reflexão em torno dos significados do Solstício de Inverno e das celebrações do Nascimento, na tradição ocidental. Explorando signos e ritmos do começo da vida, esta peça

propõe uma viagem a vários nascimentos: do sol que aparentemente nasce todos os dias, dos dias que recomeçam a crescer depois do solstício, das sementes que fazem nascer novas plantas; das palavras que nascem do entendimento; de uma criança que nasce como uma nova esperança. Em torno destas ideias, nasce uma fábula de afetos dirigida a todos os públicos.»

Sinopse do espetáculo "Nascer".

«Dois Espantos passeiam-se pelo campo semântico da palavra nascer, vivendo sucessivas descobertas: a luz do sol; a árvore; o pássaro; uma amizade que desponta; um receio que surge; uma interrogação; uma busca por montes, vales, mares, desertos e cidades; um encontro e a certeza de que o aconchego de uma amizade é o melhor ovo para se nascer.

Pensamento:

"Antes de chegar aqui, estive numa caixa pequenina, ajustada a mim, onde quase não me conseguia mover. Fui gigante dentro dessa caixa. Era a minha caixa-mãe. Nasci. Estou agora do lado de fora da caixa, no espaço vazio, Tenho encontrado várias caixas-mãe por aí. Nalgumas encaixo-me, como no colo. Outras há que apenas observo. Outras acolho e manipulo eu mesmo. Outras há que me servem de vestidos e máscaras.»

Sinopse do espetáculo "Nascer – primeira infância".

- Oficinas artísticas "Ensaiai a vida" (2018, continua em circulação)



Cartaz de divulgação e foto de sessão realizada nas bibliotecas escolares do concelho de Aveiro.

Desde o início do Projeto Faunas, tenho realizado oficinas de expressão dramática em vários contextos e visando diferentes públicos-alvo, como as oficinas sobre dinâmicas teatrais para abordar conteúdos matemáticos, no Encontro Nacional de Professores de Matemática '07, promovido pela APM; oficinas de teatro e educação ambiental, promovidas pela ASPEA; ou

oficinas direcionadas para professores e educadores, no EnconArte, no Encontro Arte e Educação Fafe 2017 e no Festival Alavanca 2019 (ver ANEXO 4).

As Oficinas “Ensaia a Vida” nascem da convicção de que o teatro é um instrumento essencial para nos vermos a nós próprios, descobrirmos quem somos e testarmos o que queremos ser. “Ensaia” como repetir (do verbo francês para ensaio: “répétition”). Mas também, ensaia como experimentar (do ensaio científico). O mágico “se” abre-nos as portas da imaginação, mas pode também abrir-nos as portas do futuro que queremos construir ou do presente que queremos conhecer com maior profundidade. Assente nestes pressupostos, surge uma sessão de duas horas conduzida por uma narrativa imersiva, onde os participantes são levados à Aldeia do Silêncio (espaço ficcional que preenche a sala vazia) e a construir, de uma folha de papel A0, um abrigo e uma arma de neutralizar palavras agressivas. Depois de atravessarem a Floresta das Palavras Ferozes, já no País das Palavras, os protagonistas serão capazes de escrever sobre a sua aventura viagem. No final da sessão, há uma partilha dos processos individuais com o grupo.

Tenho realizado estas oficinas a convite de várias bibliotecas municipais e, apesar de as ter concebido em duas versões “Ensaia a vida – Quem sou eu?” (para crianças entre os 4 e os 7 anos) e “Ensaia a vida – O que quero para o mundo?” (para adolescentes a partir dos 8 anos), tenho verificado que a faixa etária onde estas se demonstram mais significantes é a faixa etária dos 12/16 anos. O jogo dramático como meio para lidar com os nossos medos, inseguranças e frustrações – no fundo, a mesma função que os contos de fadas assumem para Bruno Bettelheim, na primeira infância – é, aqui, posto em prática. Porém, em vez desses adolescentes escutarem uma história ou visualizarem uma encenação, estão, eles próprios, a criar, inseridos numa narrativa-metáfora que, distanciando-os da realidade concreta, os torna mais livres para se exprimirem.

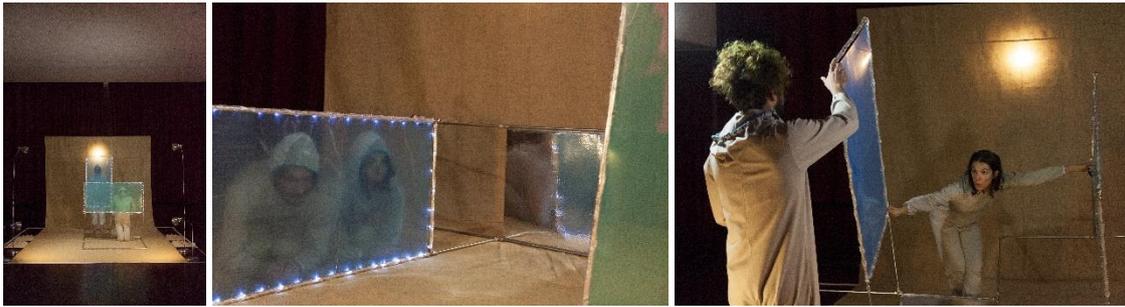
“Ensaia a vida” é um conjunto de oficinas de Exploração Criativa dirigidas a crianças e jovens, onde se utilizam as ferramentas da expressão dramática, da expressão plástica e da escrita criativa para colocar duas questões essenciais: Quem sou eu? (Para crianças entre os 3 e os 7 anos). O que quero para o mundo? (Para jovens entre os 8 e os 16 anos).

A Oficina “Ensaia a vida – O que quero para o mundo” parte da ideia de que as palavras que escolhemos determinam as nossas ações sobre o mundo que nos rodeia. Dentro do imaginário teatral, surge o mágico “se”: E se eu vivesse numa aldeia silenciosa onde não era possível falar, rodeada de uma floresta densa de palavras ferozes e sonhasse com uma palavra para me levar para o lugar da escuta e do diálogo? Que palavras seriam essas?

Nesta oficina, construiremos abrigos para palavras importantes e máquinas para neutralizar palavras ferozes; de olhos fechados, iremos procurar caminhos para atravessar florestas escuras; algures à luz, iremos ensaiar textos e narrativas.

Texto de divulgação na Oficina.

- “Clarinha e a fonte de tempo” (2019 – 20)



Texto, encenação e dispositivo cénico: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto e Fábio Costa. Figurinos: Tucha Martins. Cenário (execução): Américo Castanheira, “Almeida e Xavier” e “Beatriz dos Panos”. Fotografia: João Pádua (fotografia).
Fotos do espetáculo “Clarinha e a Fonte de Tempo” (créditos: João Pádua).

O espetáculo “Clarinha e a fonte de tempo” foi resultado de uma encomenda realizada pelo Centro de Educação Ambiental de Esposende, no sentido da criação de uma peça de teatro portátil no âmbito do projeto E-Ribeiras para levar às escolas públicas do concelho de Esposende, dirigindo-se essencialmente ao primeiro ciclo. Este projeto visa sensibilizar a população para a importância dos ecossistemas ribeirinhos no contexto das alterações climáticas. A ação inicia em 2051, um hipotético futuro em que João e Maria – uma referência aos irmãos abandonados na floresta, do conto tradicional “Hansel and Gretel”, também chamado “A casinha de chocolate” – procuram água, caminhando do deserto. João segue o rasto de uma ribeira seca e encontra uma gota de água que o leva a viajar no tempo, desde a formação da terra até ao século XXI, passando pela formação da vida no meio aquático, o surgimento dos seres humanos e os usos que fizeram da água, a criação dos sistemas de abastecimento e saneamento, até à deterioração dos recursos de água potável.

O dispositivo cénico é construído com tubos de canalização em metal cromado e contém uma superfície espelhada e duas superfícies transparentes em tonalidades de azul e verde. O pano de fundo em serapilheira evoca o deserto onde os irmãos caminham. Todos os diferentes contextos em que a ação se desenrola são sugeridos pela manipulação e transformação do dispositivo cénico.

«O João e a Maria, dois irmãos sequiosos, percorrem o leito seco de uma ribeira. Estamos em 2051. As nascentes que secaram tornaram-se canais de tempo onde é possível viajar até ao passado. João, procurando água, encontra uma gota. Clarinha é essa gota, alegre e solidária com os humanos. Conduz João até à fonte do tempo e ambos acompanham a evolução da água ao longo dos biliões de anos de vida na terra. É nessa viagem que João compreende os erros humanos do passado e procura uma maneira de os corrigir. Será possível? Irá a tempo?»

Sinopse de “Clarinha e a fonte de tempo”.

- “Contos em tons de azul” (2020)



Texto: Participantes nas Oficinas de Escrita Criativa “Contos em tons de Azul”, promovidas pelo CEA – Esposende, dirigidas aos estabelecimentos de ensino de educação-de-infância e primeiro ciclo do concelho de Esposende e ao Lar da Santa Casa da Misericórdia de Esposende. Coordenação: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação e realização plástica: Isabel Fernandes Pinto. Composição musical e Guitarra: Joaquim Pavão.

Em cima: Capa e ilustrações do livro. Em baixo: cenário, foto de uma cena e bastidores do espetáculo de teatro de sombras.

O espetáculo de teatro de sombras “Contos em tons de azul” foi o resultado de um processo criativo desenvolvido entre 2017 e 2020, que envolveu oficinas de escrita criativa e de ilustração com crianças em idade pré-escolar, alunos do primeiro ciclo e idosos utentes do lar de Santa Casa da Misericórdia de Esposende. O projeto foi coordenado pelo Centro de Educação Ambiental de Esposende, integrado no âmbito do projeto OMARE – Observatório Marinho de Esposende. O projeto integrou ainda a publicação em livro dos textos e ilustrações produzidos nas oficinas. As oficinas de escrita e ilustração foram orientadas por mim e geraram vários textos: os contos “Tartaruga Esmeralda na Praia do Farol”, “A Sardinha Luzia e a rede fantasma”; um conjunto de contos minúsculos chamados “Heróis do mar”; depoimentos de idosos sobre o sargaço e a vida de vareira; pequenos poemas haicai de crianças mais novas. O espetáculo tem como público-alvo as crianças em idade pré-escolar e os alunos do primeiro ciclo.

Estes contos foram cozinhados em muitas memórias, imaginações e brincadeiras. São histórias e poemas que falam das belezas do oceano, dos feitos heróicos de quem cuida, das memórias gentis de um passado alegre. Entre sombras e sonhos, os acordes da guitarra transportam-nos, as personagens alertam-nos, os seres vivos comovem-nos com as suas pequeninas diferenças tão importantes. Esta é, afinal, uma celebração das

imensas palavras escritas por pessoas que sabem tão bem olhar e ver esse azul enorme: o oceano.

Sinopse de “Contos em tons de azul”.

Espectáculos encomendados por outras entidades ao Projeto Faunas

Desde 2006, surgiram “encomendas” de diferentes entidades que, embora eu as executasse no esteio dos princípios e práticas que fui adquirido e testado no Faunas, não eram enquadráveis no eixo central deste projeto. Essas encomendas foram-se intensificando nos últimos anos, justificando uma certa “dispersão” que sinto nas minhas atividades de escrita e encenação mais recentes.

- “Visita encenada ao Museu do Carro Elétrico em Literatura de Cordel” (encomenda do Museu do Carro Elétrico do Porto, 2006)



Texto e encenação: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto e Marta Carvalho.
Fotos da visita encenada no Museu do Carro Elétrico, Porto.

A “Visita encenada em Literatura de Cordel ao Museu do Carro Elétrico” foi a primeira incursão do Projeto Faunas fora do seu habitat natural, que são as escolas. Embora o público visado fossem grupos escolares, o espetáculo desenrolava-se não nas escolas, mas no museu e até dentro de alguns dos carros elétricos, numa lógica de “site-specific”. A peça consistia numa visita orientada por duas personagens contrastantes: O Pica, brincalhão e popular, e o Guarda-Freio, mais formal e rigoroso. O texto foi escrito com base nas informações históricas que nos foram fornecidas pelo serviço educativo do Museu do Carro Elétrico.

Nesta fase, as narrativas em verso inspiradas na Literatura de Cordel Nordeste eram um formato que eu usava muito, não apenas para as histórias que escrevi espontaneamente, mas também para pequenas “encomendas”. Refiro-me biografias que dediquei a alguma personalidade homenageada por entidades como a Rotary, o IPP e a BIAL, sob encomenda dessas entidades. Foi uma fase que passou e agora é raro escrever nesse formato. Hoje, olho esses textos como grandes exercícios de aprendizagem sobre o ritmo, a oralidade e as possibilidades lúdicas das palavras.

(O Pica toca a campainha uma vez e o Guarda-Freio para em frente ao Carroção.)

Guarda-Freio (sobre o estrado, do lado esquerdo): 1840_CARROÇÃO | Esta pequena caleche...

Pica: Qual caleche, rapagão?... | Cresce e aparece... | Este é o Carroção!! | O Carroção | era uma casa...

Guarda-freio: Não era, não...

Pica: Com um enorme coração...

Guarda-freio: Não era, não.

Pica: Ai não? | Pois era o que dizia o escritor | Ramalho Ortigão.

Guarda-freio: Bom... Se o dizia o escritor, | Sim senhor...

Pica: Como eu ia dizendo... | O Carroção | era uma casa... | com um enorme coração...

Guarda-freio: Tinha duas bancadas | muitas janelas | e a portinhola entre elas. | O Carroção | tinha uma escada...

Pica (atropelando o Guarda-freio):

...que era um grande escadão | mais duas rodas | que eram puxadas | por vacas bem alimentadas.

Guarda-freio (irritado): O Carroção | levava as famílias | em grande satisfação | ao teatro e à praia.

Pica: Porém, cuidado | esse carro era danado! | O Carroção | tinha mistério!... | fazia multiplicação | pois quem entrava | por uma vez | saía feito em dois ou mesmo em três.

Guarda-freio: Caro colega, | já está a exagerar. | Já viu se a moda pega | de andar aí a inventar?

Pica: Senhor condutor, | eu é que tenho razão | digo o que disse o escritor | chamado Ramalho Ortigão.»

Excerto do texto “Visita ao Museu do Carro Elétrico em Literatura de Cordel”.

- Parceria com a Leya ASA. Encenação de: “Os Miaus” (2007) e “Auto da barca do castigo” (2008), Leitura encenada de “Frei Livrinho de Sousa” (2009)



Direção: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação e encenação coletiva: Isabel Fernandes Pinto, Joana Carvalho e Maria João Mata. Em cima: Cartaz e fotos de apresentação numa livraria FNAC de “Os Míaus”. Em baixo: Fotos de apresentação numa livraria Bertrand de “Auto da Barca do Castigo”.

Esta parceria encerra os únicos textos levados à cena pelo Projeto Faunas que não são da minha autoria. O processo de encenação foi inspirado na técnica de “devising theatre”, como exploração lúdica dos objetos e do dispositivo cénico e como criação coletiva. Fizemos várias apresentações em livrarias e feiras do livro, nas áreas metropolitanas no Porto e Lisboa.

«O Projecto Faunas propõe a adaptação dos livros da editora Leya ASA ao teatro como processo privilegiado de abordagem ao livro, introduzindo-o às crianças como experiência lúdica cujo objectivo é o de provocar o desejo de um conhecimento mais próximo da história e do texto em si, o desejo da leitura. Neste âmbito, os espectáculos que propomos assumem estratégias de encenação que têm como finalidade a promoção do livro e da leitura junto do público infantil.»

Excerto da proposta apresentada à Editora Leya ASA, em 2008.

- Animação de rua para feiras medievais: “A Bruxa Candidinha” (2014 – 2017)



Texto e interpretação: Isabel Fernandes Pinto. Figurino: Tucha Martins. Convite da AlbergArte. Fotos da Bruxa Candidinha nas feiras medievais realizadas na região de Aveiro (créditos: Armando Ferreira).

A experiência de construir uma personagem para criar cenas teatrais de rua e ir interagindo com o público na feira medieval trouxe-me, também, uma grande aprendizagem. A interação direta com o público testa a integridade e força da personagem construída e coloca o ator totalmente desprotegido, na sua missão de fazer acontecer um imaginário. O grande desafio consiste em lançar as regras do jogo e nunca sair dele. Como é evidente, o público não conhece as regras desse jogo teatral que nós – atores – lançamos e cabe-nos a nós, sempre, trazer cada intervenção do público, cada acontecimento, para a lógica da ficção que nós criamos. Não nos é permitido recusar nem depreciar nem tão pouco fingir-nos indiferentes à participação do público, mesmo quando esta se torna provocatória, como várias vezes aconteceu. É aí também que a personagem se engrandece. A personagem tem que criar empatia, tem que saber quem é, o que está a fazer e quais as palavras que quer deixar “semeadas”, no público. Esta interação tão próxima é um desafio enorme para nós, atores, mas é também, para além de um excelente campo de treino e melhoramento da nossa capacidade de concentração e criação, uma experiência que nos leva a perceber melhor o público, as pessoas que não têm ligação nenhuma às artes, e a refletir sobre o que queremos transmitir e como podemos alcançar a atenção das pessoas que passam, de algum modo entretidas nas suas vidas e aparentemente pouco sensíveis ao apelo da imaginação.

«Olhe... Para Jerusalém, se faz o favor?»

Vou para Jerusalém... Sabe que é a Terra Prometida? Vou para lá, que a vida por aqui não tem andado nada boa. Lá não sei como andar... Mas enquanto vou e não vou não está o caminho sem gente e pode ser que passe. Pior do que eu tenho visto é difícil.

A minha mãe morreu de lepra. Vivíamos em Coimbra com o nosso pai. Éramos quinze irmãos e estávamos todos vivos. Mas há um ano veio a peste... Foi uma razia. Pai, irmãos, tios, primos, sobrinhos, amigos, foi tudo ceifado. Sobrei eu. Ainda me pus a enterrar mortos, a cuidar dos moribundos, a focinhar nas coisas que os ceifados deixavam neste mudo... Nada. Não havia meio de ir desta para melhor.»

Excerto do monólogo “A Bruxa Candidinha”.

- Intervenção Teatral de Rua para a LIPOR: “Flor Renascida do Composto Caseiro” (2016)



Texto, encenação e interpretação: Isabel Fernandes Pinto. Figurino, fantoches e realização plástica: Fernanda Santos. Apresentação realizada no Marshopping, Matosinhos.

Estas intervenções teatrais de rua são realizadas sobre temas ambientais e têm em vista a sensibilização das populações, na sequência de encomendas realizadas por entidades responsáveis pela execução de políticas ambientais. Chamo-lhes “intervenções” e não “animações”, pelo carácter pedagógico que têm, como veículos para determinadas mensagens. O seu objetivo último é intervir, alertando as pessoas, contribuindo para mudanças de comportamento e perspetivando um bem comum mais ou menos consensual.

A “Flor Renascida do Composto Caseiro” foi a primeira intervenção teatral que escrevi, encenei e interpretei neste âmbito. Apresentei-a em diversos contextos: zonas movimentadas de centros comerciais, estações de metro na cidade do Porto, os jardins do Palácio de Cristal durante a iniciativa “Cidade+”, o Zoo da Maia, o festival “Hortíssimas”, etc.. Para cada um desses contextos, percebi que era necessário adaptar o formato e o texto às dinâmicas de público e às suas características. Por exemplo, nas estações de metro do Porto, a interação tinha que ser muito rápida e eficaz, o que me levou a reduzir o texto dito quase até ao slogan e a investir mais nos efeitos surpresa e na abordagem cômica. Já no festival “Cidade+”, onde o público era constituído por muitas famílias com outra disponibilidade de tempo, investi na interação com as crianças e na criação de um momento de teatro de fantoches que saíam de dentro do compostor (os decompositores, protagonistas da compostagem). Aqui, não só a construção da personagem mas também a manipulação dos objetos (compostor e fantoches) foram aspetos centrais no trabalho criativo e teatral.

A Menina Flor Renascida do Composto Caseiro mora no compostor. É a gestora do pelotão de minhocas, caracóis, bichos-de-conta, larvas de escaravelhos rinocerontes e da mosca-soldado, de todos os bichos, fungos e bactérias que aí laboram. É uma revolucionária feliz, sabe que aquilo que faz faz a diferença para que o mundo seja mais equilibrado e feliz. Muito

trabalhadora, incansável. Usa o compostor como uma saia também, porque gosta de bailar com a terra, os bichos e o mundo. É feliz.

Sinopse de “Flor Renascida do Composto Caseiro.

- Intervenção Teatral de Rua enquadrada no projeto OMARE: “Noiva do mar” (2016 – 2019).



Texto e encenação: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto, Sofia Lemos, Joana Teixeira e Maria João Mata. Apoio à música: Joaquim Pavão. Figurinos: Tucha Martins. Apresentação realizada nas ruas e mercado de Esposende.

A intervenção teatral de rua “A noiva do mar”, encomendada pelo Centro de Educação Ambiental no âmbito do projeto OMARE – Observatório Marinho de Esposende, foi apresentada em várias praias do concelho de Esposende, no mercado e ruas da cidade, em escolas e no auditório municipal. Dado que se tratava de uma intervenção teatral para ser apresentada num espaço tão inconventional como a praia, concebeu-se um cortejo de entrada para ter presença e visibilidade no espaço livre, mas também para dar tempo a que se estabeleça a ficção que aquelas personagens propõem. A intervenção desenrola-se em três cenas que focam os temas do “caderno de encargos” da encomenda: os problemas ambientais relacionados com a poluição e a diminuição da biodiversidade nos oceanos; as boas práticas ambientais recomendadas aos veraneantes; a lendas, costumes e tradições ligadas ao mar, no concelho de Esposende. Cada uma destas cenas era liderada por uma das personagens, respetivamente: Ondalina, Miss Sargaço e Kalilla.

«A Intervenção Teatral de Rua “Noiva do Mar” desenrola-se através de um conjunto de personagens alegóricas que chegam em cortejo, dialogam entre si e interagem com os transeuntes. São elas: ONDALINA, a vendedora de praia e varina que, mulher desenrascada como é, em vez do peixe que escasseia vende as iguarias de plástico e lixo que o seu marido pesca no mar, sob a forma de “nouvelle cuisine”; KALILLA, a “medium” que vive atormentada por visões (sobre)naturais, recordando as lendas antigas e projetando hipotéticos futuros; MISS SARGAÇO, a “coacher” de moda que transforma em estilo todo o correto comportamento ambientalmente correto.»

Sinopse de “Noiva do mar”.

- Intervenção Teatral de Rua para a Resíduos do Nordeste: “Não se enterre, dê valor àquilo que tem” (2017 – 19).



Texto e encenação: Isabel Fernandes Pinto. Interpretação: Isabel Fernandes Pinto e Maria João Mata. Figurino: Tucha Martins.
 Apresentações realizadas em (da esquerda para a direita, de cima para baixo): Torre de Moncorvo, Miranda do Douro, Alfândega da Fé e Mirandela.

A intervenção teatral de rua “Não se enterre, dê valor àquilo que tem” foi apresentada em todos os concelhos abrangidos pela empresa intermunicipal “Resíduos do Nordeste”, em feiras, escolas, auditórios e ruas, num total de vinte e seis apresentações. Para além da cena escrita, protagonizada pelas duas irmãs siamesas, a intervenção tinha também um carácter interativo com a assistência.

Duas personagens irmãs – Vânia da Mudança e Elisa da Mudança – vão pela rua encafuadas num Ecoporto. São irmãs siamesas, não separadas à nascença, destinadas a viver num caixote tricolor (amarelo, azul e verde) com um apêndice vermelho. A sua liberdade reside apenas na parte do corpo que esse Ecoporto envolve: cabeça, barriga ou pés. Têm personalidades antagónicas (uma é impulsiva, a outra tranquila) e vão formando quadros, discutindo, cantando, apregoando e informando sobre os problemas advindos da parca separação de resíduos verificada no passado recente, as novas propostas que o Projeto Integrado de Recolha Seletiva Multimaterial no Nordeste Transmontano está a implementar e o papel responsável que cada habitante deverá assumir.

A Animação terá algum impacto visual com o elemento “Ecoporto” circulando pelos espaços. Será constituída maioritariamente por momentos de interação direta com o público, criando dinâmicas divertidas e apelativas dirigidas a todas as idades. Serão ainda definidos 3 quadros (diálogos entre as personagens, com a duração de 3/5 minutos) que abordam temas distintos, embora complementares:

“Aterradas pelo enterro no aterro” - os problemas advindos da sobrelotação do aterro sanitário, a contaminação dos solos, a perda de valor, a poluição atmosférica, a contribuição para o aquecimento global. Considera-se importante alertar a consciência dos habitantes para o caminho de

insustentabilidade que se tem vindo a fazer e os problemas dele advindos, se nada for mudado.

“Ventos da Mudança” - a recolha PAP, a construção de um novo Centro de Triagem com tecnologia avançada, a aposta nos veículos “verdes” (movidos a fontes de energia sustentáveis), o incremento de pontos de recolha seletiva (“Ecopontos”) por todo território abrangido pela Resíduos do Nordeste, EIM, SA. Considera-se importante informar os habitantes do trabalho que está a ser levado a cabo pela Resíduos do Nordeste, EIM, SA, no sentido de implementar uma nova política de gestão e valorização dos resíduos.

“Todos temos de ajudar” - a responsabilidade individual que cada habitante deve assumir ao separar “na fonte” os seus resíduos; ou, sendo comerciante, ao aderir ao programa “PaP”. Considera-se importante estimular o contributo de cada um para um projeto que visa o bem de todos, da região e do planeta.

Sinopse de “Não se enterre, dê valor àquilo que tem”.

- Intervenção Teatral de Rua para a LIPOR: “Resíduos Verdes” (2019).



Texto, realização plástica, encenação e interpretação: Isabel Fernandes Pinto.
Apresentação na feira do Senhor de Matosinhos.

A intervenção teatral de rua “Resíduos Verdes” foi realizada no contexto de feiras e festas populares nos concelhos abrangidos pela LIPOR. A cena teatral era realizada em “loop”, sendo repetida por várias vezes na mesma apresentação, ao longo do espaço onde é realizada a intervenção.

«(A Jardineira cuida das flores-frase. Rega-as, etc.)

- Preciso de cuidar do meu jardim, porque, o que estas flores dizem, não o dizem só para mim.

(Para o público.)

*E o seu canteiro, mesmo que esteja calado,
dá amor ao mundo, se com amor for tratado.*

Depois, há de chegar o dia de murchar.

Não é um dia triste. É a vida a transformar!

(As flores começam a murchar e a cair.)

Tudo está interligado.

A flor conversou com o sol e o ar e a corola começou a murchar.

A transformação é palpitação do mundo.

Rotundo, mundo, rotundo, mundo...

(A Jardineira vai recolhendo cada flor-frase murcha, caída.)

E agora, o que lhes faço?

Não as posso desprezar.

*O mundo é redondo demais para as desencaminhar!...
Analisar a questão
é importante...
Analisar: separar em partes simples: Sim / Não.
Ramos, podas, relvas, folhas e flores... Sim, por favor!
Seguem caminho p'ra Central de Valorização Orgânica da Lipor.
Terra, pedras, madeira, vasos, embalagens, palmeiras, areias, raízes...
Não, nem pensar!
Seguem outros caminhos, para não atrapalhar.
Em sacos bem acondicionados,
ramos e galhos atados...»*

Excerto do texto "Resíduos verdes".

- "O Pisco-de-peito-ruivo" (encomenda da Fundação de Serralves a partir do livro "O Parque", 2019).



Baseado no Conto "O Rouxinol", de Hans Christian Andersen. Texto e encenação: Isabel Fernandes Pinto. Composição Musical e guitarra: Joaquim Pavão. Ilustrações: Fedra Santos. Fotografia: João Pádua.
Fotos do ensaio geral (créditos: João Pádua).

"O Pisco-de-peito-ruivo" foi um espetáculo de contador de histórias e guitarra clássica apresentado na Biblioteca da Fundação de Serralves, a convite da mesma. O cenário continha a projeção das ilustrações de Fedra Santos para o livro "O Parque". O texto, da minha autoria, foi baseado no conto de Hans Christian Andersen "O Rouxinol" e adaptado ao contexto histórico e imaginário do Parque de Serralves.

*«O Pisco-de-peito-ruivo é uma adaptação do conto "O Rouxinol", de Hans Christian Andersen ao espaço concreto e imaginário de Serralves.
A escolha da obra não foi ocasional. Estávamos perante uma encomenda, um espetáculo que colocasse o livro "O Parque" em cena. Entendemos este livro – de Raquel Ribeiro, Sofia Viegas e Teresa Matos Fernandes, com ilustrações de Fedra Santos – como uma belíssima celebração da biodiversidade, que nos propõe caminhar, conhecer e fruir.
Essa mesma celebração da vida atravessa todo o conto de Andersen e toca-nos, interpela-nos. Até onde conhecemos? Até onde podemos – nós, humanos – ser, também, criadores?»*

“Amo mais o teu coração do que a tua coroa, que no entanto tem qualquer coisa de sagrado” - diz o Rouxinol ao Imperador.

Aqui, o Rouxinol é o Pisco-de-peito-ruivo e o Imperador é o Conde.

Também ele possui território: o seu Condado. E, como qualquer ser vivo, também ele constrói a sua habitação. Mas a ação humana especializa-se e então surge o Arquiteto. A posse, a ação transformadora, o conhecimento, a fruição. Todos estes movimentos fazem parte dessa dança entre ser humano e natureza.

Essa “qualquer coisa de sagrado” é que nos inquieta. Será esse jeito para o artefacto que nos torna humanos? Essa capacidade de atribuir leituras?

A ingenuidade do homem que toma um território como seu. A sabedoria do homem que humildemente se deixa surpreender. “Amo mais o teu coração do que a tua coroa” poderia talvez ser: amo mais a tua natureza do que o teu artifício. E, no entanto, esse artifício tem “qualquer coisa de sagrado”.

Como o conto, a peça de teatro ou a obra musical, talvez tenham essa “qualquer coisa de sagrado” para pousar em corpo que guarde um coração vivo.»

Sinopse de “O Pisco-de-peito-ruivo”.

2020 – Ponto de situação

A história do Projeto Faunas confunde-se com a minha própria história. Se esse facto é aquilo que o torna original, essa é também a sua grande limitação. Houve momentos em que desejei, pensei ser possível e tentei alargar a equipa fixa, mas sem sucesso. Entre 2011 e 2015, partilhei a interpretação de algumas peças – “A história do pescador...” e “Heróis pequeninos” –, estreei pela primeira vez, no Faunas, uma peça onde eu não participava como atriz – “Azucrinadores”, com a Maria João Mata – e eu pensava que iria começar a deixar de assumir o papel de intérprete em alguns dos espetáculos, remetendo-me à encenação, dramaturgia e produção. Porém, o resultado dessas experiências, se num primeiro momento parecia positivo, foi degenerando até me conduzir a inverter esse caminho e retomar a interpretação desses espetáculos. Há, na realidade, um compromisso com a arte teatral, com o ofício do ator, com a educação, as escolas e o público de que é preciso saber cuidar. Penso que ainda não me foi possível compreender, traduzir e transmitir a real dimensão desse compromisso.

Por outro lado, penso que esse “insucesso” na tentativa de legar partes do projeto a outros colegas deve-se também ao grau de exigência da sua produção e à grande austeridade financeira em que se sustenta. Desde logo, não existe a figura do produtor. Ou seja, quando nos deslocamos a um estabelecimento de ensino, somos nós – atores – que comunicamos com a entidade, estabelecemos horários e condições, montamos cenário, etc. Podemos ser três, dois ou uma atriz, a situação é a mesma. Várias vezes me perguntam com espanto “Vem sozinha?”. Vou sozinha. Se isso, para mim, que tenho este projeto todo dentro da cabeça, do corpo e da vida, é algo simples e orgânico, compreendo que para outra pessoa não o seja. Poderia aumentar a equipa e enviar um produtor para tornar esse processo mais simples? Poderia, mas teria que diminuir o pagamento da atriz e oferecer um pagamento muito baixo ao produtor. E nessa política de preços baixos, eu não quero entrar. Por respeito ao trabalho dos meus colegas atores, que é o meu próprio trabalho; por saber como é exigente o nosso ofício. Relembro que, até à data, o projeto Faunas não recebeu apoio financeiro do Estado e tudo o que o sustenta são as receitas da realização de espetáculos e oficinas artísticas e alguns pequenos apoios de entidades como a GDA.

Não havendo possibilidade de contratação a longo prazo, o compromisso dos colaboradores depende da sua disponibilidade, da sua vontade de executar o trabalho e também da forma como tiram partido da experiência para o seu próprio crescimento enquanto atores e criadores. Estou profundamente grata a alguns colaboradores, nomeadamente à Maria João Mata, que, numa fase, se entregou e abraçou o projeto como dela. Porém, o que a experiência recente me tem ensinado é que, no irregular mercado de trabalho que existe em Portugal, para os atores, torna-se muito difícil continuar e solidificar uma carreira sem uma grande dispersão de atividades profissionais que leva, inexoravelmente, à perda de qualidade do desempenho do ator. Num projeto como o Faunas, que subsiste porque tem procura e tem procura – quero acreditar – pela sua qualidade e originalidade, sendo o ator e a sua capacidade de “fazer acontecer a imaginação”, o motor de cada espetáculo, nós não podemos nunca preterir a exigência feita ao ofício do ator. Por isso, mais do que aceitar fazer um trabalho, o ator que colabora connosco tem que querer crescer com esse trabalho.

Perspetivo o projeto Faunas, no futuro, como uma entidade de criação e produção, em continuidade com o que tem sido; mas também como um espaço vocacionado para a formação contínua e prática dos atores, dirigida por mim e pelo Joaquim Pavão (a equipa fixa) e, eventualmente, outros profissionais convidados. Nesse sentido, em Janeiro de 2020, realizamos audição para uma bolsa de intérpretes que poderão vir a colaborar connosco em projetos pontuais. Interrompida pela pandemia foi a realização dos “Abrigos de cena – dias de trabalho”, que serão momentos de treino, formação, aprendizagem, partilha e reflexão, que pretendemos realizar mensalmente, com todos os incluídos na “Bolsa de Atores e Intérpretes” de que agora dispomos.



Audição para Bolsa de Intérpretes para o Projeto Faunas | Fugir do Medo

Lançado em 2005, o Projeto Faunas é englobado, em 2012, na Associação Cultural Fugir do Medo, contando, até à data, com 27 produções próprias.

Herdeiros dos jograis e seus arremedilhos, trabalhamos na proximidade do contador de histórias com a plasticidade do teatro-dança e encontramos no ator e seu ofício o instrumento privilegiado para fazer acontecer a imaginação em qualquer lugar, por um momento.

Procuramos Atores, Bailarinos e Performers para integrar uma Bolsa de Intérpretes para diversos projetos, a iniciar no primeiro semestre de 2020.

As candidaturas deverão ser realizadas por correio eletrónico, até 31/janeiro/2020, contendo Carta de Motivação e CV do candidato. Endereço eletrónico: projeto.faunas@sapo.pt. Contacto para esclarecimento de dúvidas: 966714399.

Todos os projetos a desenvolver serão remunerados.

Mais informações sobre o projeto Faunas:

<https://projetoFaunas.wixsite.com/teatroportatil>

<https://www.facebook.com/Projeto-Faunas-284436651570301/?ref=bookmarks>



Anúncio da audição para a bolsa de intérpretes.

**

Reflexões Finais

Sobre fazer teatro nas escolas

«Os olhos não veem coisas, mas sim figuras de coisas que significam outras coisas.»

CALVINO, Italo – *As cidades invisíveis*. Lisboa, Dom Quixote, 2015 (obra original publicada em 1972).

Quando um grupo de crianças inicia uma brincadeira, elas distribuem papéis e aceitam um conjunto de regras para jogar. Quando essa brincadeira acaba, os papéis e as regras desaparecem. Às vezes, elas conversam e concluem que há regras que gostariam de mudar, ou optam por trocar os papéis. De novo inicia o jogo, para depois terminar. A criança que brinca desta forma compreende sem qualquer dificuldade a diferença entre o real e a ficção. Não acusa o camaleão de racista por escolher uma cor em detrimento de outras, não julga o macaquinho chinês como ditador por não deixar ninguém mexer, não acusa o colega de a impedir de se mover por lhe ter pegado no braço ao brincar às caçadinhas. A criança brinca e sabe que as regras de cada jogo o tornam distinto do contexto real. Assim acontece também com as histórias que a criança lê ou vê. Tal como descrito por Vladimir Propp, em “A morfologia do conto”, o lobo é mau porque está a cumprir uma função; a fada é boa porque está a cumprir uma função; o príncipe pode beijar a princesa porque está a cumprir uma função; o dragão ataca com fogo porque está a cumprir uma função. Nos contos de fadas, as personagens cumprem funções, tal como, nas brincadeiras, os participantes cumprem as regras. E, nestas “ilhas de ficção” perfeitamente circunscritas da realidade em volta, a criança – tal como o adulto atento – experiencia emoções, ensaia reações, toma contacto com a sua vida interior, lida com medos e frustrações, apreende significados e descobre sentidos que poderá, eventualmente, aplicar na sua vida, quando sair daquela ilha ficcional e prosseguir na sua realidade. Aprende. Mas aprende de uma forma não explicativa nem superficial, aprende de uma forma interior, completa e sustentada nas suas emoções e na sua consciência.

É nesta lógica que me parece que o teatro é uma ferramenta maravilhosa para públicos em aprendizagem. Claro que “públicos em aprendizagem” podemos ser todos nós, seria até uma expressão redundante se todos nós, independentemente da idade, mantivéssemos uma disponibilidade mental para deixarmos a ficção tocar a nossa interioridade. Esse toque é um acontecimento muito belo e, quando acontece, creio que é o que dá sentido e razão de existir ao nosso trabalho.

Gostaria de clarificar que, quando vamos às escolas fazer teatro, nós não vamos, nunca, ensinar. Essa função compete aos professores e nós não entramos nessa esfera. O que nós fazemos é outra coisa.

Quando apresentamos um espetáculo de teatro numa escola, nós vamos estabelecer um jogo, que é um processo que as crianças já conhecem. É por isso que, muitas vezes, nós – atores em cena – apontamos para um objeto invisível e as crianças viram-se ou levantam-se para o ver, a esse objeto invisível, durante o espetáculo. Elas participam no jogo porque sabem como este funciona e porque este lhes é extremamente importante e útil na construção da sua interioridade. Esta capacidade de criar um imaginário é a ferramenta essencial que nós, atores, temos e nos coloca na proximidade de um público capaz de imaginar. Acredito que é essa ferramenta que nos torna capazes de fazer o teatro acontecer em qualquer lugar.

Sobre a procura de uma linguagem, nas minhas criações teatrais

«Para o poeta genuíno, a metáfora não é uma figura de retórica, mas uma imagem representativa que paira efetivamente diante de si em lugar de um conceito.»

NIETZSCHE, Friedrich – *A origem da tragédia*. Lisboa, Europa-América, 2005 (obra original publicada em 1886), p.58.

«L'action verbale, voilà ce qui fait du théâtre dramatique une des activités artistiques humaines les plus puissantes et les plus impressionnants.»
«A ação verbal é aquilo que torna o teatro dramático numa das atividades artísticas humanas mais poderosas e mais impressionantes.»

KNÉBEL, Maria – *L'Analyse-Action*. Paris, Actes Sud-Papiers, 2006 (obra original publicada em 1961), p.134. (tradução minha a partir do francês).

No final da minha licenciatura, inscrevi-me num estágio de duas semanas promovido pelo “Laboratoire de Recherches Théâtrales” e vim depois a realizar mais dois estágios subsequentes, espaçados por seis meses e com duração aproximada de duas semanas cada, sob a orientação de professores da escola de teatro de Moscovo. Essa formação veio a ter uma influência enorme na minha forma de abordar a criação teatral, principalmente através dos ensinamentos de Vladimir Ananiev (professor de movimento cénico) e de Irina Propovna (professora de voz teatral). Aí, contactei com o (erradamente) chamado método de Stanislasky (embora ele tenha dado um enorme contributo para a sua sistematização, não se pode dizer – ele próprio não queria ser reconhecido dessa forma – que o “método” seja da sua autoria) e pude constatar o grande e poderoso leque de ferramentas de trabalho com que este dota o ator, para lidar com o seu ofício. O nosso trabalho não é simples e não se resolve com um conjunto de respostas fáceis. O nosso trabalho implica, talvez, a pesquisa de uma vida. E, se tiver, pela força das circunstâncias, de se tornar numa atividade ocasional, ficará lamentavelmente aquém do alcance a que pode chegar.

Para além do treino de ator, compreendi também, à luz deste sistema, como o teatro se faz, fundamentalmente, na tradução do texto em ação metafórica. Dizer, no teatro, significa agir com palavras. A metáfora teatral é uma síntese composta por imagem, jogo, música, pintura e dança que guarda e liberta leituras e significados, transformando a palavra num acontecimento.

No Projeto Faunas, eu escrevo, enceno, interpreto e produzo. Não o faço sozinha, mas assumo necessariamente a direção de todo esse processo. Penso frequentemente nos três pilares vitruvianos que estudei quando cursei arquitetura – firmitas, utilitas, venustas – como base para a sustentação de cada opção, no meu processo criativo. Cada elemento que introduzo – seja uma ideia, uma personagem, uma palavra, um adereço ou um movimento – tem que estar agarrado à estrutura que sustenta o desenvolvimento do espetáculo, tem que acrescentar informação necessária e tem que ser coerente com a imagem estética da peça. Tento cingir-me aos elementos essenciais, explorando a sua complexidade, com vista a uma síntese próxima da metáfora, que será talvez definidora da peça de teatro: uma máquina (como disse Eisenstein) posta em marcha a cada espetáculo, um acontecimento que tem uma orgânica artificial e se traz à vida aceitando as contingências e imprevisibilidades do momento presente.

Tomo os constrangimentos à criação como um terreno onde irei construir. Talvez por isso me tenha sido relativamente simples aceitar a ideia de criar espetáculos para espaços não convencionalmente teatrais. Não creio que o teatro dependa de nada mais que não seja a nossa vontade de o fazer, a nossa inteligência para o utilizar como ferramenta para a vida. Não quero

com isto dizer que fazer teatro não implique um grande investimento. Implica, sim, um enorme investimento de formação, estudo, treino, pesquisa, experimentação, diálogo, crítica e debate. Implica a profissionalização dos artistas. Num país onde é quase impossível “viver do teatro”, torna-se, de facto, quase impossível essa profissionalização e penso que é essencialmente essa carência que está em causa quando se fala do subfinanciamento crónico das artes, para lá do investimento na manutenção e gestão das infraestruturas culturais que já existem no nosso território. Porém, esse é um outro debate que não quero desenvolver aqui. Pretendo apenas dizer que, apesar de eu ter encontrado este modo de fazer teatro sem subsídio estatal, no projeto Faunas, não quero que isso seja tomado como exemplo. A minha circunstância, como a de outros criadores independentes, não é generalizável, mas o direito à cultura inscrito na Constituição da República Portuguesa deve ser efetivo, constante, estratégico e universal.

Sobre o meu trabalho enquanto atriz

“(…) acidente não é arte, não pode servir de base para construção. O mestre-ator tem de exercer controlo total sobre o seu instrumento e o instrumento do artista tem complexo mecanismo. Nós, atores, não temos que lidar apenas com a voz, como o cantor, nem apenas com as mãos, como o pianista, ou só com o corpo e as pernas, como o dançarino. Somos forçados a tocar simultaneamente em todos os aspetos espirituais e físicos de um ser humano. A conquista do domínio sobre eles requer tempo e um esforço árduo, sistemático (...)»

STANISLAVSKI, Constantin – *A construção da personagem*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004 (obra original publicada em 1938), p. 389.

«A arte pressupõe sempre forma como suporte de uma carga emotiva.»

TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço*. Porto, FAUP, 1999.

Acredito que, na arte, a liberdade está do lado do fruidor, do público. O criador ou artista põe em marcha um canal para dar passagem a uma ideia. E o que é esse canal? A forma. No teatro, no trabalho de ator, a forma é o que compomos instantaneamente, dando vida por dentro e pensando por fora. Damos vida a essa forma pela energia, as imagens mentais e o subtexto que criamos. Pensamo-la por fora porque a nossa consciência vigia a expressão. Essa forma é o embrulho com que oferecemos um presente ao público. E, embora nós tenhamos uma ideia estudada do que é ou pode ser esse presente, não podemos controlar nem tão pouco tentar “educar” o público a apropriar-se desse presente. Nós somos responsáveis pela sua forma, que é o embrulho. Quando o espetáculo se dá, o embrulho é olvidado, o público fica com esse presente e fará dele o que quiser.

É por isso que o trabalho de ator me parece extremamente complexo e extremamente simples. Não ensinamos nada, não informamos, não exibimos, não explodimos; apenas fazemos acontecer. Este fazer acontecer de algo que é matéria de humanidade pressupõe uma preparação a vários níveis. Desde logo, a preparação física e vocal é extremamente importante e tem que ser um hábito quotidiano no trabalho do ator. Mas um espetáculo não é uma exibição e um ator não vai ali mostrar o que consegue fazer. Pelo contrário, quão mais fácil parecer o que o ator faz, mais próxima será a sua relação com o espectador, mais perto estaremos de tocar o público na sua humanidade. Então, o ator tem que ser ele próprio, despido de si e capaz de vestir todas as vestes que a humanidade usa. O ator tem que se reconhecer, não apenas a si próprio,

O Teatro de Matemática

No dia 21 de Abril foram duas atrizes à mesa redonda apresentar teatros sobre Matemática.

15/10/09
15/10/09

O primeiro teatro foi sobre um pai que já tinha 90 anos e deu aos três filhos 120 tostões.

O mais velho gastou o dinheiro todo em comida.

O do meio foi enganado pelo banco que só lhe deu 1 moeda.

Mas o mais novo arranjou trabalho e recebeu ainda mais dinheiro do que tinha.

O pai ficou espantado com o filho mais novo.

O segundo teatro foi sobre um menino que o seu pai já era muito velho e o menino levou-o para o monte e estendeu um lençol para ele dormir. O pai pediu-lhe para fazer muitas formas com o lençol e o menino pediu-lhe ajuda e a Mariana participou fazendo um triângulo.

O terceiro conto foi sobre uma coelha que queria fazer sopa e pediu-lhe ajuda para tirar os vegetais.

Só que quando ia para a toca estava lá a cabra baloitezes que não a deixava entrar.

Então, a senhora chamou o Daniel para fazer de boi e ajudou a coelha. Só que a cabra baloitezes com os chifres tirou o focinho ao boi.

15/10/09

Depois a senhora chamou a Mariana P para fazer de formiga, a formiga ajudou a coelha e tirou-lhe as tripas.

Assim acabaram os contos.

15/10/09

Nós adoramos este dia e aprendi muita coisa.

Gondomar, 22 de Abril de 2009

Bibliografia

- ALVES COSTA, Isabel e BAGANHA, Filipa – *Lutar para dar um sentido à vida – os contos de fadas na educação de infância*. Porto, Edições ASA, 1989.
- BETTELHEIM, Bruno – *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa, Bertrand, 2013 (obra original publicada em 1976).
- BINER, Pierre – *O Living theatre*. Lisboa, Forja, 1976 (obra original publicada em 1972).
- BOAL, Augusto – *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.
- BROOK, Peter – *O espaço vazio*. Lisboa, Orfeu Negro, 2008 (obra original publicada em 1968).
- CALVINO, Italo – *As cidades invisíveis*. Lisboa, Dom Quixote, 2015 (obra original publicada em 1972).
- CAMPO, Giuliano – *Zygmunt Molik's voice and body work*. London, Routledge, 2010.
- CHEKHOV, Michael – *Para o ator*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- DAMÁSIO, António – *A estranha ordem das coisas*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2017.
- DAMÁSIO, António – *O Sentimento de Si*. Lisboa, Europa-América, 1999.
- EVARISTO, Marcela Cristina – *O cordel em sala de aula*. Em “*Géneros do Discurso na Escola*”. Helena Brandão (coord.), São Paulo, Cortez Editora, 2000.
- FO, Dario – *Manual mínimo do ator*. São Paulo, Senac, 2004.
- GROTOWSKY, Jerzy – *Towards a poor theatre*. London, Methuen, 1991 (obra publicada originalmente em 1968).
- GUEDES, Teresa – *Ensinar a poesia*. Porto, Edições ASA, 1999.
- HALL, Peter – *Shakespeare's advice to the players*. London, Oberon Books, 2003.
- HARARI, Yuval Noah – *Sapiens – História Breve da Humanidade*. Amadora, Editora 20|20, 2017 (obra original publicada em 2011).
- KLEIST, Heinrich Von – *Sobre o teatro de marionetas e outros escritos*. Lisboa, Antígona, 2009.
- KNÉBEL, Maria – *L'Analyse-Action*. Paris, Actes Sud-Papiers, 2006 (obra original publicada em 1961).
- MONTEIRO, Delarme – *Vida e morte de Lampião*. 1974. Em “*Géneros do Discurso na Escola*”. Helena Brandão (coord.), São Paulo, Cortez Editora, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich – *A origem da tragédia*. Lisboa, Europa-América, 2005 (obra original publicada em 1886).
- NOGUEIRA, Carlos – *Literatura de Cordel Portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa, Apenas Livros, 2ª edição, 2003.
- PROPP, Vladimir – *Morfologia do Conto*. Lisboa, Veja, 2003 (obra original publicada em 1928).
- ROMILLY, Jaqueline de – *La Grèce antique à la découverte de la liberté*. Paris, Editions de Fallois, 1989.
- ROOYACKERS, Paul – *101 jogos dramáticos*. Porto, Edições ASA, 1998.
- SPOLIN, Viola – *Improvisação para o teatro*. São Paulo, Editora Perspetiva, 1963.
- STANISLAVSKI, Constantin – *A construção da personagem*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004 (obra original publicada em 1938).
- TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço*. Porto, FAUP, 1999.
- VASQUES, Eugénia – *João Mota, o pedagogo teatral*. Lisboa, Edições Colibri, 2006.

**